

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC
CAMPUS DE BAURU

SAV IX: muito além dos muros do CSM/MM

Mariana Almeida de Oliveira

BAURU - SP

2011

MARIANA ALMEIDA DE OLIVEIRA

SAV IX: muito além dos muros do CSM/MM

Projeto Experimental de Pesquisa apresentado pela discente Mariana Almeida de Oliveira, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

BAURU - SP

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC
CAMPUS DE BAURU

Projeto Experimental de Pesquisa apresentado pela discente Mariana Almeida de Oliveira, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

Banca Examinadora

Membros:

Prof. Dr. Carlo José Napolitano
Ms. Verônica Lima

Presidência e Orientação:

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me criou e me possibilitou ter uma família maravilhosa, a qual também agradeço e que me sustentou, em todos os sentidos, durante o tempo em que estive em Bauru a fim de obter o diploma tão desejado.

Agradeço ainda a todos aqueles alunos que fizeram parte desta história e possibilitaram a criação desse livro-reportagem, ao professor Max que não desistiu do meu projeto e me deu apoio nos momentos necessários.

E por fim aos meus amigos de turma, com os quais estive junto esses anos e foram muito mais do que companheiros de classe, uma verdadeira família que me ajudou a lidar e até mesmo, a aguentar os desafios e dificuldades ao sair de casa.

SUMÁRIO

1 - Proposta	5
2 – Justificativa	6
3 - Objetivos	7
3.1- Objetivo geral	7
3.2 - Objetivos específicos	7
4 - Referencial teórico	7
5 - Polícia Militar do Estado de São Paulo	9
5.1- História da PM	9
5.2 - Ética da PM	10
5.3 - Brasões e Canções da PM	12
5.4 - Hierarquia e Disciplina	13
5.5 - Legislação Organizacional	14
6 - História e atribuições do CSM/MM	15
7 - Serviço Auxiliar Voluntário	16
8 – O livro-reportagem	17
9 – Considerações finais	19
Referências bibliográficas	21

1 - PROPOSTA

O livro-reportagem “SAV IX: muito além dos muros do CSM/MM” tem como objetivo trazer ao conhecimento da sociedade o programa de voluntariado da Polícia Militar, criado em 2002.

Por meio da narração do cotidiano de uma turma do curso de formação obrigatório, feito nos dois primeiros meses de adesão ao programa, o livro foi composto com base nos relatos dos alunos.

Mais do que mostrar o programa, a ideia é trazer a público as histórias dos jovens e suas impressões, dificuldades e experiências dentro da organização.

2 - JUSTIFICATIVA

A Polícia Militar do Estado de São Paulo é não só uma importante organização na vida na sociedade como também aparece constantemente nos meios de comunicação.

Por isso, transformações em sua estrutura afetam não só a comunidade, mas também a maneira como os mídias a retrata. Assim, um programa de incentivo ao primeiro emprego que visa tirar jovens que estejam marginalizados da sociedade para inseri-los em uma organização militar é no mínimo visto com muita ressalva.

O Serviço Auxiliar Voluntário foi colocado como um adendo na estrutura da Polícia Militar, apesar dos jovens não serem considerados militares em sua totalidade, dentro das unidades militares são obrigados a seguirem o regulamento militar passíveis de punição, podendo resultar em expulsão do programa. Além disso, os voluntários formam a classe mais baixa da Polícia Militar devendo obedecer até mesmo aos soldados, os quais compõem a base da pirâmide da estrutura da organização.

O livro-reportagem pretende ainda descobrir o motivo dos jovens participarem de um programa como esse, no qual são colocados como inferiores hierarquicamente e sem chances de progressão profissional, já que para se tornar um soldado efetivo é necessário prestar concurso público, concorrendo em pé de igualdade com qualquer outro concorrente, voluntário ou não, tendo como único benefício a vantagem de um ponto na nota final da prova escrita por ter sido voluntário.

Para ingressar no Serviço Auxiliar Voluntário é necessário ter concluído apenas o ensino fundamental. O programa visa abrir oportunidade para que jovens em especial os de baixa renda conquistem seu primeiro emprego. Contudo não há critérios que restrinjam a entrada de outros interessados, basta que estes comprovem estar desempregados e não participarem de nenhum outro programa assistencial.

Com um rendimento de dois salários mínimos por mês, o serviço pode se tornar atraente até mesmo para jovens universitários, já que o salário médio de um estagiário brasileiro de nível superior é de R\$ 760,00 (Núcleo Brasileiro de Estágios no Brasil, 2008) enquanto que um voluntário atualmente recebe R\$1.090,00.

3 - OBJETIVOS

3.1 - OBJETIVO GERAL

Trazer ao conhecimento da sociedade o programa de incentivo ao primeiro emprego incorporado a Polícia Militar do Estado de São Paulo, analisando como ele é feito e quem faz parte dessa iniciativa e o que procura ao entrar nele. Para isso, recriou-se, por meio de relatos dos alunos, o período de formação do 1º Pelotão do Serviço Auxiliar Voluntário, turma IX, no Centro de Suprimento e Manutenção de Motomecanização (CSM/MM).

3.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Realizar um panorama da estrutura, dos valores e princípios da Polícia Militar de São Paulo a fim de compreender o local onde o governo estadual escolheu para implantar um programa de emprego para jovens entre 18 e 23 anos;

Identificar quem faz parte do Serviço Auxiliar Voluntário se os alunos do curso de formação são o público-alvo da iniciativa ou se o programa sem sido ocupado por jovens com condições econômicas e educacionais superiores ao proposto inicialmente. Verificar, por meio de entrevistas, os objetivos desses jovens ao se tornarem voluntários, quais seus anseios e pretensões quanto ao programa e entender as motivações que os levaram a entrar na Polícia Militar pouco tempo após os ataques do PCC e como estes são vistos por eles e de que maneira afetaram seus cotidianos. A turma escolhida conta com trinta e cinco alunos, sendo que um terço destes foi entrevistado. A escolha dos entrevistados foi feita com base em diferentes origens sociais e culturais, considerando ainda o peso e a influência exercidos sob o restante da turma seja de maneira positiva ou negativa.

4 - REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar em um produto jornalístico, seja uma matéria, uma reportagem, uma foto, enfim, tudo deve surgir de uma ideia, entendida em termos profissionais como pauta. A pauta serve como um guia, traz informações, fontes, e principalmente, a angulação a ser dada a um assunto.

Depois da pauta, chega a hora do jornalista arregaçar as mangas e ir atrás do conteúdo e das pessoas (fontes) que darão vida a seu trabalho. Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, *o repórter é aquele "que está presente", servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento (Técnica de reportagem - notas sobre a narrativa jornalística, 1986)*. Por isso, cabe ao jornalista fazer de suas entrevistas um *Diálogo Possível*, como diria Cremilda Medina, a fim de priorizar a credibilidade da informação.

O centro do diálogo se desloca para o entrevistado; ocorre liberação e desbloqueamento na situação inter-humana e esta relação tem condições de fluir; atinge-se a auto-elucidação." (MEDINA, 2002, p. 11)

Uma reportagem amplia a chamada notícia ao aumentar o número de vozes, ângulos e versões de um mesmo acontecimento. Quando mais entrevistados e entrepontos, mais completa ela será.

Como o próprio nome sugere o livro-reportagem tem como base a reportagem. De acordo com Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, ele pode ser a *simples compilação de textos já publicados em jornal (que mantenham uma organicidade temática ou narrativa) ou o trabalho feito para livro, mas concebido em termos jornalísticos (Técnica de reportagem - notas sobre a narrativa jornalística, 1986)*. Este último deixa claro a distinção das funções de jornalismo e literatura.

O livro-reportagem seria segundo Marcelo Bulhões uma *convergência entre jornalismo e literatura, entrelaçando o factual e a ficção (Jornalismo e literatura em convergência, 2007)*. A aproximação ocorre quando o jornalista utiliza de recursos da literatura para compor seus personagens e sua história. Vale destacar que, como bem disse Alceu Amoroso Lima, *o jornalista, visa, antes de tudo, informar o público, dar-lhe notícia do que se passa (O jornalismo como gênero literário, 1990)*.

É preciso não perder de vista a diferença de projeto entre literatura e jornalismo: na primeira predomina o imaginário; no segundo, deve-se impor a realidade (histórica, atual) dos fatos narrados." (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 123)

Por minha admiração pessoal desses dois "gêneros" e principalmente pela ligação dos dois, resolvi fazer um livro-reportagem ao invés de outro produto jornalístico. Confesso ainda que a falta de imagens também contribuiu nesta escolha.

5 - POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO

5.1- HISTÓRIA DA PM

As sociedades se organizam por meio de regras e normas, quando uma sociedade cresce demasiadamente se faz necessário a criação da Polícia a fim de garantir a ordem e o cumprimento das regras estabelecidas. A Polícia atualmente está segmentada em administrativa, judiciária, alfandegária, federal, fiscal e etc. No estado de São Paulo a Polícia administrativa é exercida pela Polícia Militar do estado.

No Brasil, a primeira tropa organizada de que se tem notícia surgiu em 1542 na capitania de São Vicente, tendo sido criada a fim de expulsar espanhóis que ameaçam a integridade do território.

Até o início do século XIX, as tropas brasileiras eram divididas em três tipos: uma de defesa externa, outra de defesa interna e uma terceira que servia para reforçar e suprir o trabalho das duas anteriores. Os três tipos eram compostos por lavradores, comerciantes e professores que quando não estavam a serviço da Segurança Nacional, retornavam a suas atividades usuais.

As Polícias Militares são originárias da França onde se formou a primeira organização desse tipo a fim de garantir um dos direitos constituídos pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, instituído em 1789, período marcado pela Revolução Francesa.

Com a vinda da família Real portuguesa para o Brasil, o país recebeu também a Guarda Real de Polícia, a qual se transformou na Polícia da Corte do Rio de Janeiro.

Após a Independência, a Guarda Real da Polícia foi desorganizada por ser composta, quase que exclusivamente, por portugueses. A segurança das cidades passou, então, a estar sob a responsabilidade das Milícias.

Em nove de outubro de 1831, a Regência promulgou uma lei criando o Corpo de Municipais Permanente na Corte e permitiu ainda a criação de organizações semelhantes nas demais províncias, dando início assim as Polícias Militares.

Em 15 de agosto de 1831, a Assembleia Provincial decretou a lei proposta pelo presidente da província de São Vicente, o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, criando o Corpo de Municipais Permanentes, formado por cem praças a pé e trinta praças a

cavalo, os quais ficaram conhecidos como os “cento e trinta e trinta e um”. Formava-se nesse momento a atual Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Durante o século XIX, a polícia paulista trocou diversas vezes de nome, tendo recebido os títulos de Corpo Municipais Permanentes, Corpo de Municipais Provisórios, Guarda de Polícia, Brigada Policial, Força Policial e Força Pública.

A instituição participou de várias guerras de âmbito e impacto regional e nacional, dentre as quais estão: a Guerra dos Farrapos (1838), a colonização dos Campos de Palmas (1839), Revolução Liberal de Sorocaba (1842), Guerra do Paraguai (1865/1870), Revolução da Armada e Revolução Federalista (1893/94) e Campanha de Canudos (1897).

No século XX, a Força Pública participou nas revoluções de transição da República Velha, como a de 1932, conhecida pela organização como a Clarinada de 1932, e na 2ª Guerra Mundial onde militares lutaram ao lado de efetivos da Guarda Civil, polícia criada em função da Força Pública e incorporada a esta em 1970, formando a atual Polícia Militar paulista.

Atualmente a Polícia Militar de São Paulo é uma organização militar que utiliza farda e está subordinada ao Governador do Estado por meio da Secretaria da Segurança Pública e do Comando Geral da Corporação.

Como forma de se modernizar e se aproximar mais da comunidade, já que nos anos da ditadura militar houve um claro afastamento, a instituição implantou o Policiamento Comunitário, sendo a pioneira nesse tipo de policiamento na América Latina e expandido seus conhecimentos e experiências para outros estados do país e até mesmo, para outros países latino-americanos.

5.2 ÉTICA DA PM

Os valores e deveres éticos da Polícia Militar paulista estão copilados nas normas de conduta, as quais contém as orientações e regras para o bom andamento da instituição.

No art. 6º do Regulamento Disciplinar, encontra-se a deontologia da PM nos seguintes parágrafos:

§1º aplicada aos componentes da Polícia Militar, independentemente de posto ou graduação, a deontologia policial-militar reúne valores

úteis e lógicos a valores espirituais superiores, destinados a elevar a profissão policial-militar à condição de missão.

§ 2º o militar do Estado prestará compromisso de honra em caráter solene, afirmando a consciente aceitação dos valores e deveres policiais-militares e a firme disposição de bem cumpri-los.

Dentre os valores policiais-militares estão: o patriotismo, o civismo, a hierarquia, a disciplina, o profissionalismo, a lealdade, a constância, a verdade real, a honra, a dignidade humana e a coragem.

Os policiais devem cultivar os símbolos e tradições nacionais, estaduais e da organização, a qual fazem parte e ainda cumprir os deveres de cidadãos, preservar o meio ambiente, manter a ordem pública com base nas leis e no regulamento da Polícia Militar, priorizar o interesse público ao particular, atuar com disciplina respeitando a relação superiores e subordinados.

Eles devem também a fim de manter a integridade física, moral e psíquica de todos os policiais, se dedicarem exclusivamente ao serviço policial-militar, estarem preparados para suas funções, zelarem pela integridade da instituição, se relacionarem bem com os demais militares e não desejarem cargo de outrem, terem uma vida pública e particular ilibada, não se utilizarem de cargo ou graduação para negócios particulares, atividades políticas e pronunciamentos de caráter não técnico.

Quanto ao seu trabalho, o policial deve primar pela verdade, legalidade e responsabilidade, exercer a profissão sem qualquer tipo de preconceito de raça, cor, religião, política e social, zelar pela integridade do preso, agir com educação, não se autopromover, agir dentro das leis observando as garantias fundamentais do ser humano descritas na Constituição, não aceitar qualquer tipo de vantagem pelo serviço, não utilizar para outros fins que não seja o serviço, os recursos disponibilizados pelo Estado, ser ágil e cuidadoso, proteger as pessoas, patrimônios e o meio ambiente, atuar como policial militar ainda que não esteja em serviço, não exercer atividades de segurança particular e não ser sócio ou gerente de empresas com fins comerciais.

Cabe aos comandantes de unidade e subunidade fiscalizar seus subordinados quanto ao patrimônio destes, verificando se são compatíveis com os cargos ocupados pelos policiais. É vedada a participação em greves e ações político-partidárias, sendo que os militares inativos podem opinar sobre assuntos políticos e se posicionarem quanto a questões de interesse público, contudo estes devem levar em conta as normas éticas e os valores policiais-militares em seus apontamentos.

5.3- BRASÕES E CANÇÕES DA PM

A polícia paulista possui dois tipos de brasões: o de Armas da Polícia Militar e o da unidade. O primeiro é de caráter geral feito a partir da história da organização, já o segundo é específico e se refere a cada local de trabalho existente na instituição, tendo cada um, um símbolo próprio usado pelos policiais que o compõe.

A canção da instituição conta a história da organização desde a sua formação, dando destaque às campanhas militares de que participou.

CANÇÃO DA POLICIA MILITAR

Letra: Guilherme de Almeida

Música: Maj PM Músico Alcides Jacomo Degobbi

Sentido! Frente,ordinário marcha!
Feijó conclama,Tobias manda
E na distância,desfila a marcha
Nova cruzada,nova demanda
Um só por todos,todos por um
Dos cento e trinta de trinta e um!

Legião de idealistas
Feijó e Tobias
Legaram-na aos seus
Tornando-os vigias
Da Lei e Paulistas
"Por mercê de Deus"

Ei-los que partem! Na paz, na guerra
Brasil Império,Brasil República
Seus passos deixam, fundo na terra
Rastro e raízes: é a Força Pública
Multiplicando por mil e um
Os cento e trinta de trinta e um

Legião de idealistas...

Missão cumprida em Campo das Palmas
Laguna, heroísmo na "Retirada"
Glória em Canudos; e de armas e almas,
Ao nosso Julho da Clarinada
Sob as arcadas vêm um a um,
Os cento e trinta de trinta e um

Legião de idealistas...

5.4- HIERARQUIA E DISCIPLINA

Dois pilares da Polícia Militar, a hierarquia e a disciplina são obrigatórias a todos os militares na ativa, da reserva remunerada, reformados e agregados, os quais ocupam cargos públicos ou eletivos e magistrados da Justiça Militar.

A hierarquia é formada por meio da divisão dos militares em categorias, sendo a de maior importância, o cargo máximo da instituição, ocupado pelo Governador de São Paulo. As repartições se dão com base nos postos e graduações, levando ainda em consideração a antiguidade e a precedência no cargo para diferenciar militares de mesma patente.

A antiguidade é estabelecida a partir dos seguintes fatores: data da última promoção, prevalência sucessiva dos graus hierárquicos anteriores, classificação no curso de formação ou habilitação, data de nomeação ou admissão e maior idade.

Já a disciplina estabelece que todos os componentes da Polícia Militar cumpram de forma integral as leis, normas, regulamentos e ordens precedentes da organização, contanto que estas não sejam consideradas absurdas. A violação, transgressão ou omissão da disciplina gera sanções, penas e/ou punições para os militares.

São tipos de sanções cabíveis a um policial militar: advertência, repreensão, permanência disciplinar, detenção, reforma administrativa disciplinar, demissão, expulsão e proibição do uso do uniforme, sendo que cada uma dessas é determinada em função da transgressão cometida.

A competência para julgar as sanções disciplinares leva em consideração à estrutura hierárquica, o Governador pode julgar a todos os militares da corporação, e assim sucessivamente, conforme o posto ou graduação diminui, também se restringe a abrangência da competência, sendo o posto mínimo capaz de julgamento, o de capitão.

Todo praça ao entrar na instituição tem seu comportamento classificado como “bom”. A escala que vai de excelente a mau, tendo ainda os níveis intermediários de ótimo, bom e regular, é usada tanto para as sanções disciplinares como para promoções. O nível máximo só pode ser atingido após o policial permanecer dez anos isento de qualquer sanção disciplinar.

A hierarquia é estabelecida da seguinte forma: oficiais – Coronel, Tenente-Coronel e Major formam o Círculo de Oficiais Superiores; Capitão compõe o Círculo de Oficiais Intermediários; 1º Tenente e 2º Tenente fazem parte do Círculo de Oficiais Subalternos; Aspirante a Oficial e Aluno da Escola de Formação de Oficiais pertencem ao Círculo de Praças Especiais; praças – Subtenente, 1º Sargento, 2º Sargento e 3º Sargento formam o Círculo de Subtenentes e Sargentos; Cabo e Soldado constituem o Círculo de Cabos e Soldados.

5.5- LEGISLAÇÃO ORGANIZACIONAL

Os órgãos de execução do policiamento militar são: Comando de Policiamento da Capital (CPC), Comando de Policiamento do Interior (CPI), Corpo de Bombeiros (CB) e Unidades Operacionais, as quais estão subordinadas a um dos órgãos anteriores.

São seções existentes na organização:

1ª Seção (PM-1): assuntos relativos ao pessoal e à legislação;

2ª Seção (PM-2): assuntos relativos às informações;

3ª Seção (PM-3): assuntos relativos a organização, operações e ensino;

4ª Seção (PM-4): assuntos relativos a logística e estatística;

5ª Seção (PM-5): assuntos civis; e

6ª Seção (PM-6): planejamento administrativo e orçamentário.

(Lei nº 616/74, título II – Organização Básica da Polícia Militar, capítulo II – Constituição e Atribuições dos Órgãos de Direção)

As diretorias da organização estão divididas em Finanças, Apoio Logístico, Pessoal, Ensino e Saúde.

A Diretoria de Ensino é responsável pela formação, aperfeiçoamento e especialização de oficiais e praças, bem como ao desenvolvimento de estudos e pesquisas técnico-especializada, estando os órgãos de apoio de ensino, os centros de formação subordinados a ela. É de responsabilidade ainda da Diretoria de Ensino o curso de formação do Serviço Auxiliar Voluntário.

6 - HISTÓRIA E ATRIBUIÇÕES DO CSM/MM

O Centro de Suprimento e Manutenção de Motomecanização (CSM/MM), local onde se passa o livro-reportagem, faz parte das unidades da Polícia que disponibilizam seu espaço e por vezes seu pessoal a fim de que os voluntários possam receber a formação adequada. O curso de voluntariado ocorre tanto na Capital do Estado como no interior, conforme o concurso e as vagas disponíveis, sendo a formação realizada na cidade escolhida para trabalhar depois.

Ligado ao Quartel General, o Serviço de Transporte (ST) surgiu para o transporte de tropa e o transporte pesado. A frota continha Jeep Willys, os quais levavam os comandantes, caminhões Chevrolet e guincho Fargo, totalizando cerca de 200 veículos, usados na Rádio Patrulha, no Policiamento de Tático Móvel e no Transporte de Tropa, sendo ainda o guincho utilizado pelo Corpo de Bombeiros.

Nos anos 60, acrescentou-se Manutenção e a denominação passou a ser Serviço de Transporte e Manutenção.

O Serviço de Transporte e Manutenção era dividido em:

- 01) Seção de Manutenção de Vtr; 02) Posto de Lavagem;
- 03) Borracharia e Vulcanização;
- 04) Almoxarifado Geral; e
- 05) Setor de Combustível.

A Seção de Manutenção ainda era subdividida em:

- 01) Seção de Motores;
- 02) Seção de Câmbio e Diferencial;
- 03) Seção de Pátio (Freio, Suspensão e Amortecedores);
- 04) Seção de Funilaria em Geral;
- 05) Seção de Pintura;
- 06) Seção de Tapeçaria.
- 07) 1ª Seção que era composta de tornos, frezas, plainas e bancadas de ajustagem, que realizava o serviço de retífica de motores;
- 08) Seção de Ferraria (apoio ao Regimento de Polícia Montada "9 de Julho"
- 09) Seção de Carpintaria; e
- 10) o Pelotão de Escoltas que foi criado em 30/10/1947.

(_____)

Em 1970, o Serviço de Transportes e Manutenção passou a abrigar em seu espaço, localizado na rua Coronel Antônio de Carvalho, 155, em Santana, zona norte da Capital, o Centro de Suprimento e Manutenção de Material Bélico (CSM/MB). Um ano antes, um posto de lavagem e abastecimento foi colocado no local.

Quase na metade da década, o Serviço de Transporte ganhou um novo endereço no Tatuapé, zona leste da Capital, onde atualmente funciona a Seção de Apoio de Transportes (SAT). Em 1989, com a publicação do Boletim Geral nº 93, o CSM/MB passou a se chamar Centro de Suprimento e Manutenção de Motomecanização (CSM/MM). Embora em locais diferentes o SAT e CSM/MM realizam serviços interligados e dependentes, estando aquele subordinado a este.

Atualmente dentre as principais missões do CSM/MM destacamos as que seguem abaixo:

- serviços de manutenção de viaturas leves e pesadas;
- aquisição, controle e fornecimento de peças para viaturas;
- aquisição, controle e fornecimento de combustível, e
- serviços de transporte de tropa, pessoal e materiais.

(_____)

Além das atribuições acima, como já citado anteriormente, o CSM/MM disponibiliza sua unidade para o curso de formação do Serviço Auxiliar Voluntário.

7 - SERVIÇO AUXILIAR VOLUNTÁRIO

O Serviço Auxiliar Voluntário foi criado mediante a Lei nº 11.064, de oito de março de 2002, promulgada pelo então e atual governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin.

Artigo 2º - O Serviço Auxiliar Voluntário objetiva:

I – proporcionar a ocupação, qualificação profissional e renda aos jovens que especifica, contribuindo para evitar seu envolvimento em atividades anti-sociais;

II – aumentar o contingente de policiais militares nas atividades diretamente ligadas à segurança da população.

Artigo 3º - O Serviço Auxiliar Voluntário, de natureza profissionalizante, tem por finalidade a execução de atividades administrativas, de saúde e de defesa civil.

Parágrafo único – No exercício das atividades a que se refere o “caput” deste artigo, ficam vedados, sob qualquer hipótese, nas vias públicas, o porte ou o uso de arma de fogo e o exercício do poder de polícia.

Artigo 4º - O recrutamento para o Serviço Auxiliar Voluntário deverá ser precedido de autorização expressa do Governador do Estado, mediante proposta fundamentada do Comandante Geral da Polícia Militar, observando o limite de 1 (um) Soldado PM Temporário para cada 5 (cinco) integrantes do efetivo total fixado em lei para a Polícia Militar.

(Diário Oficial do Estado nº 45, de 9 de março de 2002)

Os ingressantes do voluntariado devem ter entre 18 e 23 anos, ter concluído o ensino fundamental, não possuir qualquer pendência com a justiça eleitoral, comprovada saúde física por meio de atestado médico, ser aprovado nos testes escrito e físico, estar desempregado, não participar de outro programa assistencial e não ter outro beneficiário do Serviço Auxiliar Voluntário em sua família.

O programa dura um ano, sendo prorrogável por mais um, caso haja interesse de ambas as partes, tanto do Soldado PM Temporário quanto da PM.

Segundo o Governador na época em que o programa foi criado, a adição deste a PM se deu a fim de colocar mais policiais, os quais faziam serviços administrativos, nas ruas. Para cada cinco policiais administrativos abriu-se vaga para um voluntário.

8 - O LIVRO-REPORTAGEM

A ideia de fazer um livro-reportagem como trabalho de conclusão de curso surgiu ainda quando eu estava no primeiro ano da faculdade. Os primeiros contatos com a prática jornalística não só aguçou o profissional que seria formado nos anos seguintes, como me fez querer ir além e sentir o contato com a profissão.

Assim, nos anos seguintes me pus a pensar qual tema iria abordar e o tipo de produto faria. Lembrei, então, de minha irmã e de sua passagem pelo Serviço Auxiliar da Polícia Militar do Estado de São Paulo, em 2004. Na época, tanto eu como ela não sabíamos nada a respeito desse programa e nem sequer tínhamos ouvido falar dele. Assim que abriu o concurso para admissão de voluntário naquele ano, um primo foi até a minha casa e disse para minha irmã que havia uma oportunidade de emprego na Polícia Militar. Ao ver a hesitação dela quanto ao local de trabalho, ele logo explicou que o serviço era apenas interno, administrativo, sem uso de arma ou qualquer contato com os “bandidos”. Recém-formada no Ensino Médio e ainda sem emprego, minha irmã resolveu tentar e para surpresa de todos, ela passou no concurso de voluntariado e foi para a escolinha, enquanto meu primo foi reprovado na prova física e viu a oportunidade se distanciar.

Ao recordar tudo isso, pensei em escrever sobre o Serviço Auxiliar da PM de São Paulo, por ser um programa de primeiro emprego voltado aos jovens entre 18 e 23 e desconhecido por grande parte de seu público alvo. Outra consideração levada em conta foi a importância da sociedade saber como e onde seu dinheiro, arrecadado

por meio de impostos, está sendo utilizado. E por último, a diferença e peculiaridade desse programa ao ser militarizado, fugindo das demais propostas existentes.

Escolhido o tema me deparei com a decisão de escolher qual período abordar e como teria acesso aos voluntários. Optei pelo período da escola de formação, a fase crítica entre o civil e o militarismo, tendo os jovens que se adaptarem a uma nova realidade, cheia de regras e determinações desconhecidas até então. Depois, selecionei uma turma de 2006, formada poucos meses após os ataques da facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC) a fim de ver o impacto desses fatos no programa.

Para entrar em contato com os alunos da turma nove do Serviço Auxiliar Voluntário, recorri a minha irmã a fim de localizar alguém que tenha feito parte da referida turma. Ela me passou o telefone do Tubarão, o qual fez parte do primeiro pelotão do SAV IX que fez o curso de formação no CSM/MM. Ele foi muito solícito e não só adorou a ideia e se colocou à disposição do que eu precisasse, como ainda me passou o telefone de alguns colegas de turma e outros, os perfis na rede social *Orkut*.

Liguei para os alunos, expliquei meu trabalho e fui agendando as entrevistas. Estas aconteceram durante meses devido à quantidade de entrevistados, um terço do primeiro pelotão. Os encontros e a duração das entrevistas variaram de acordo com o andamento do diálogo e até mesmo da relação repórter-entrevistado, assim o mais curto de todos, com o tímido Gregório, de falar pouco e conciso em suas palavras, durou pouco mais de uma hora em apenas um dia. Já, os mais longos consumiram quatro dias de visitas a Rebelde, Tubarão e Nanci, aos quais inclusive eu recorri por telefone sempre que surgia uma dúvida ou faltava um dado.

Se com os alunos o trabalho correu bem e sem grandes dificuldades, apenas contratemplos rotineiros como remarcação de entrevistas, caçar entrevistados e de vez em quando uma pane no gravador. Com a polícia a história foi diferente, não obtive permissão para entrar no CSM/MM. A instituição não permite ainda que praças, no caso sargentos, cabos e soldados se pronunciem publicamente e os oficiais quando promovidos costumam mudar de unidade de trabalho, assim não consegui falar com ninguém oficialmente e nem mesmo em *off*, já que a instituição não passa qualquer contato de seus funcionários devido a questões de segurança. Está aí também o também de não haver fotos na obra.

Com apenas os depoimentos dos alunos, resolvi usar a PM como pano de fundo do meu livro e ressaltar os alunos, por meio de perfis, sendo que estes sempre

caminham na direção da instituição, contribuindo para a história da turma e não em suas vidas seculares.

Ao contrário do que imaginei e até contribuiu para minha escolha da turma, com os depoimentos percebi que os ataques do PCC não tiveram tanta importância como eu suponha, os alunos em nenhum momento se mostraram aflitos e receosos quanto a novos ataques e não se sentiam ameaçados ou fragilizados ao pertencerem a PM. Essa nova visão me mostrou uma instituição bem estruturada, a qual vende, e muito bem, diga-se de passagem, a ideia de ser superior ao crime, e mesmo após alguns meses de uma ação inusitada é capaz de atrair jovens para dentro de si.

Quanto aos alunos posso dizer que se dividem em dois perfis principais:

- o primeiro se constitui por jovens de classe média, são brancos e pardos, o voluntariado é a primeira experiência profissional, a qual serve como os primeiros passos para o início de uma independência financeira dos pais. Eles desejam ainda cursar boas universidades, de preferência, as públicas.

- o segundo agrega jovens das classes baixas, são pardos e negros, possuem experiências anteriores, grande parte no mercado informal e veem o programa como uma forma de arranjar dinheiro para ajudar em casa, fazendo parte dos mantenedores do lar. Para esses nem sempre a universidade está nos planos futuros devido aos custos, por isso buscam descontos e bolsas para terem acesso ao Ensino Superior.

Dentre os alunos com perfis retratados no livro, atualmente nenhum se encontra na PM, uns porque não passaram em alguma das etapas de admissão, e outros por optarem por diferentes profissões.

9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando optei por fazer um livro-reportagem como meu Projeto de Conclusão de Curso, pensei na oportunidade que teria como crescer como jornalista e de certa forma achei ser mais fácil, afinal depois de quatro anos aprendendo jornalismo, as coisas deveriam fluir naturalmente.

Contudo alguns percalços surgiram como problemas de horários, entrevistas canceladas, ter que parar alguns momentos para estudar e se aprofundar no funcionamento da polícia, a falta de retorno por parte da PM e no final a falta de tempo e o cumprimento dos prazos de entrega.

Apesar das dificuldades, comum a todos e, em especial, a iniciantes na profissão como eu, o livro saiu como esperado e hoje posso dizer que o SAV IX: muito além dos muros do CSM/MM traz ao conhecimento público um programa de incentivo ao primeiro emprego, peculiar dos demais por estar em uma instituição militar, sob o olhar dos próprios participantes da iniciativa, jovens no início de suas vidas profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, Juarez. *Jornalismo, Informação, Comunicação*. São Paulo: Martins, 1967.

BELTRÃO, LUIZ. *A imprensa informativa*. São Paulo: Importadora Americana L, 1969.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. Ática. São Paulo. 2007.

_____. Cronologia dos ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC) ao Estado de São Paulo – 2006. Disponível em: www.observatoriodeseguranca.org. Acessado em: 18 de jun. 2011.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo – redação, captação e edição no jornal diário*. Ed. 4. Petrópolis: Vozes, 1985.

Fort, Mônica Cristine. Medo e horror na cobertura jornalística dos ataques do PCC em São Paulo. In: *Logos 26: comunicação e conflitos urbanos*. Ano 14, 1º semestre 2007.

_____. *Histórico da Polícia Militar*. Disponível em: www.intranet.polmil.sp.gov.br/organizacao/inst/historico.html. Acessado em: 02 de ago. 2006.

www.intranet.polmil.sp.gov.br/organizacao/unidadesa/cfsd/temp008.html. Acessado em: 28 de jul. 2006.

KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. Ática, São Paulo. 1986.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. EDUSP. São Paulo. 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas - o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MARTINS, Eliezer Pereira. *Lei Disciplinar da Polícia Militar do Estado de São Paulo*. São Paulo: Leud, 2008.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista - o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2002.

MORIN, Edgar. *A entrevista nas ciências sociais, no rádio e na televisão*. In: *Cadernos de Jornalismo e Comunicação*. nº 11. Rio de Janeiro, 1968.


_____. *Princípios de hierarquia e disciplina*. Disponível em: www.intranet.polmil.sp.gov.br/organizacao/unidades/efsd/temp010.html. Acessado em: 28 de jul. 2006.

SOARES, Ailton; et al. *Direitos e vantagens dos servidores militares do estado de São Paulo*. Ed. 3. São Paulo: Atlas, 1996.

SOARES, Ailton; Moretti, Roberto de Jesus; Sanches, Ricardo Juhás. *O regulamento disciplinar da Polícia Militar do Estado de São Paulo Comentado*. Ed. 3. São Paulo: Atlas, 2006.

SODRÉ, Muniz; Ferrari, Maria Helena. *Técnica de reportagem – notas sobre a narrativa jornalística*. Summus editorial. São Paulo. 1986.





**SAV IX: muito
além dos muros
do CSM/MM**

Mariana Almeida de Oliveira

Mariana Almeida de Oliveira

SAV IX: muito além dos muros do
CSM/MM

Os apelidos foram mantidos segundo os originais, contudo os nomes presentes neste livro foram trocados a fim de preservar a privacidade dos envolvidos.

1. Introdução

A primeira polícia existente no Brasil remonta a 1542, quando foi organizada uma tropa a fim de expulsar uma força espanhola que ameaçava a capitania.

Depois surgiram três tipos de tropa na colônia: uma paga que visava à defesa externa, outra também paga encarregada da segurança interna e uma terceira, composta por voluntários, supria a falta de homens das duas anteriores. Todas as três eram formadas por cidadãos que quando não estavam a serviço da segurança, voltavam a suas atividades profissionais, como lavradores, comerciantes e professores.

Até o início do século XIX, o policiamento no atual estado de São Paulo foi feito pela tropa da segurança interna e pela composta por voluntários, havendo unidades bem treinadas e uniformizadas.

Na França, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, publicada em 1789, criou uma única polícia, nomeada de “força pública” a fim de garantir a segurança daquele país.

Em 1801, Portugal inspirado no sistema de policiamento francês estabeleceu a Guarda Real de Polícia, a qual viria juntamente com a Corte portuguesa para o Brasil, sete anos depois, e aqui se tornaria a polícia da Corte, sediada no Rio de Janeiro.

Com a independência, a Guarda Real de Polícia foi desorganizada por ser formada em sua maioria por portugueses e a segurança das cidades recaiu sobre as Milícias. A fim de regularizar estas, em nove de outubro de 1831, a Regência criou o Corpo de Municipais Permanentes na Corte e permitiu a criação de organizações semelhantes nas províncias.

No estado de São Paulo, em quinze de dezembro de 1831, por lei da Assembleia Provincial, proposta pelo então Presidente da Província, o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, criou-se o Corpo de Municipais Permanentes, composto por cem praças a pé e trinta praças a cavalo, conhecido posteriormente na instituição como “os cento e trinta de trinta e um”.

A Polícia Militar do Estado de São Paulo que começou com apenas cento e trinta homens, em 2006, ano em que se passa esta história, contava com mais de 90 mil integrantes, entre homens e mulheres, espalhados por todo o estado.

A instituição se estrutura por meio de órgãos, os quais vão além do policiamento nas ruas, atividade fim da organização, dando suporte e ajudando na capacitação e qualidade do serviço prestado a população. Os órgãos estão divididos em: Direção Geral, Direção Setorial, Apoio, Especiais de Apoio, Execução, Especiais de Execução e Especiais da Polícia Militar.

Dentre os diversos órgãos de Apoio, está o Centro de Suprimento e Manutenção de Motomecanização (CSM/MM). Sua origem nos remete a década de 1940, quando foi criado o Serviço de Transporte (ST), ligado ao Quartel General, tendo por função o transporte, contando com duzentos veículos utilizados na Rádio Patrulha, no Policiamento Tático Móvel e Transporte de Tropa, sendo o guincho da unidade também usado pelo Corpo de Bombeiros.

Nos anos 1960, o Serviço de Transporte teve a palavra Manutenção incorporado a seu nome e passou a ser dividido em: seção de manutenção de viatura, posto de lavagem, borracharia e vulcanização, almoxarifado geral e setor de combustíveis.

Em 1969, o posto de lavagem e abastecimento começou a funcionar no Serviço de Transportes e Manutenção da antiga Guarda Civil em Santana, bairro da zona norte da Capital paulista. No ano seguinte todo o Centro de Suprimento e Manutenção de Material Bélico (CSM/MB) passou a funcionar nesse mesmo endereço.

Quase na metade da década de 1970, o antigo Serviço de Transporte mudou-se para o Tatuapé, na zona leste da Capital, originando a atual Seção de Apoio de Transporte (SAT).

Em mil 1989, com a publicação do Boletim Geral de número 93, o CSM/MB teve seu nome mudado para Centro de Suprimento e Manutenção de Motomecanização (CSM/MM).

Atualmente o CSM/MM desempenha as seguintes funções: serviços de manutenção de viaturas leves e pesadas, aquisição controle e fornecimento de peças para viaturas, aquisição, controle e fornecimento de combustível e serviço de transporte de tropa, pessoal e materiais. A unidade ainda armazena em seu território viaturas históricas e disponibiliza parte de suas instalações para o curso de formação de soldado temporário, também conhecido como voluntário.

O Serviço Auxiliar Voluntário (SAV) surgiu em oito de março de 2002, com a promulgação da Lei nº 11.064, assinada pelo então e atual governador de São Paulo, Geraldo Alckimin. O programa foi instituído a fim de oferecer uma oportunidade de primeiro emprego aos jovens entre dezoito e vinte e três anos, sendo que para ingressar na iniciativa é necessário ter concluído o ensino fundamental, passar nas provas escrita e física, e não participar de nenhum outro programa assistencial e/ou possuir outro beneficiário do SAV na mesma família.

O SAV tem duração de um ano, sendo prorrogável por mais um, após esse período aqueles que ainda estejam na idade e queiram continuar no programa necessitam prestar um novo concurso, também válido por mais dois anos. Não há qualquer vínculo empregatício ou benefício de caráter previdenciário, sendo que os voluntários recebem mensalmente dois salários mínimos e um vale-alimentação, o qual em 2006 equivalia a setenta reais. Todos ingressantes devem passar por um curso de formação, feito uma única vez, antes de trabalharem como auxiliares administrativos nas unidades policiais militares.

2. SAV IX

O espaçoso salão comporta centenas de jovens. Não há qualquer organização, formam-se rodas de conversas de diferentes tamanhos, espalhadas pelo espaço. Há ainda alguns solitários encostados nas paredes.

Os círculos de conversas têm todos como pano de fundo a Polícia Militar do Estado de São Paulo, havendo burburinhos referentes a experiências anteriores dos próprios jovens, histórias de parentes e amigos, e até mesmo da atração de algumas garotas pelos homens fardados.

Quando alguns policiais de diversas patentes chegam, as conversas dão lugar a um silêncio absoluto, quebrado apenas pelo sargento, iniciando o processo de escolha.

- Bom dia, senhoras e senhores. Bem-vindo a todos. Façam filas para que possamos dar início às atividades de hoje.

Os jovens começam então a fazer as filas, as quais desagradam os militares por suas configurações tortas e desproporcionais. Nesse momento, os jovens recebem a primeira repreensão:

- Mas, o que é isso? Está horrível! – e explicando o que queria, o sargento prosseguiu - Coloquem o braço esquerdo no ombro de quem está a sua frente, alinhando a cabeça na direção da de seu antecessor. Os primeiros de cada fila devem medir a distância de um braço em relação à fila que estiver a sua esquerda. – observando as instruções dadas, as filas passam a ganhar um aspecto mais uniforme – Melhorou, mas ainda está horrível. O que há de errado com vocês?

Aproximadamente três meses após os ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC), principal organização criminosa do estado, que deixaram a cidade de São Paulo aterrorizada e refém da violência, no dia vinte e seis de julho de 2006, centenas de jovens se encontram no Comando de Policiamento de Área Metropolitana 3 (CPA/M-3), localizado na Vila Maria, zona norte da Capital, a fim de adentrarem para o Serviço Auxiliar Voluntário, turma de número IX, tornando-se assistentes administrativos da Polícia Militar do estado, estando, inclusive, sob as regras do regime militar que rege a organização.

Os motivos que trouxeram esses jovens até o grande salão, no qual estão, são inúmeros, seja por necessidade, por experiência, por paixão ou por desafio, cada um deles está prestes a ficar no limite entre o militar e o civil, já que quando estiverem dentro das unidades policiais deverão se trajar, se portar e obedecer às regras militares, contudo nas ruas continuarão a serem civis com suas roupas comuns e sem qualquer privilégio ou diferenciação das demais pessoas.

Após formar imensas filas, é hora dos voluntários escolherem os locais onde desejam trabalhar daqui a dois meses, pois antes é preciso fazer um curso preparatório para poder assumir

o serviço.

Os jovens são chamados de acordo com a classificação obtida no concurso para auxiliar voluntário, o qual contou com duas fases, sendo a primeira uma prova escrita de nível fundamental com cinquenta questões de múltipla escolha e a segunda um teste físico, no qual os candidatos tiveram de correr uma determinada distância, que varia por sexo e idade, em doze minutos e ainda fazer o máximo de abdominais possíveis em um minuto.

A grande maioria dos voluntários não tem a mínima ideia de onde desejam trabalhar, até porque, muitos nem sequer sabem o que as siglas, que designam todas as unidades da PM significam. Para que o processo de escolha não se arraste por muito tempo, o sargento, logo, grita:

- Vamos lá! É só escolher um lugar. Não dá para ficar pensando, há mais de quatrocentas pessoas aqui.

Após a advertência, o processo é agilizado e rapidamente todos fazem suas opções, mesmo não estando seguros das opções feitas. As filas são desmanchadas e os jovens são orientados a se encostarem às paredes, deixando o meio do salão livre.

- Agora que todos decidiram o local onde irão trabalhar daqui dois meses, vamos passar para a escolha dos centros de formação. Até o momento, nós só temos setenta vagas disponíveis no CSM/MM, sendo que os demais deverão esperar aqui, pois até o final da tarde, todos serão alocados em algum lugar, já que as aulas estão previstas para começarem amanhã.

Assim como no processo anterior, os primeiros classificados possuem preferência. Menos de dez por cento dos melhores colocados desistem de ir para o CSM/MM. Algumas garotas temem ir para lá, pois a quantidade de mulheres é extremamente baixa, por se tratar do maior centro de mecânica da PM.

O CSM/MM está representado pelo sargento Guedes e pelo voluntário Edu, o qual está há quase cinco anos no programa. Quando os candidatos a alunos do MM se posicionam em filas, o sgt. Guedes ordena que Edu conte o número de futuros alunos. Edu erra três vezes a conta, por isso o sgt. Guedes resolve ele mesmo fazer a contagem. Atingido as setenta vagas, os futuros alunos do MM são levados até um ônibus da PM, o qual os transporta imediatamente para o centro de formação onde esta história se passa.

3. CSM/MM

Localizado atrás da Rodoviária do Tietê na capital paulista, o Centro de Suprimento e Manutenção de Motomecanização, o CSM/MM, como o próprio nome sugere é um centro mecânico. Por ele passam centenas de carros, motos, e outros tipos de veículos usados no policiamento extensivo para reparos, emplacements e demais serviços.

Devido a suas funções específicas, o MM possui uma extensa área que praticamente cerca um amplo quarteirão, havendo diversas construções espalhadas pelo terreno.

Para entrar no MM é preciso se identificar na portaria, a qual faz parte de uma construção térrea, dividindo espaço com outras seções de gerenciamento da unidade.

Quase colado à portaria, porém do lado oposto a esta, fica um dos dois postos de combustíveis próprios da unidade e exclusivo para veículos da PM. Na frente do posto há uma ampla construção térrea que abriga: o P-1, seção semelhante ao RH de uma empresa comum; o P-4, o qual abriga os suprimentos e materiais destinados ao trabalho corporativo, sendo possível encontrar aí, desde matérias de escritório até fardas e armamentos, é responsável ainda pela numeração e controle de todo o patrimônio presente na unidade, ou seja, cabe a essa seção gerenciar todos os computadores, mesas, cadeiras e etc. e autorizar a troca de lugar dos materiais em geral, tanto em âmbito interno entre os departamentos, quanto a saída e entrada de novos materiais; o Gabinete de Treinamento (GT), cuida dos assuntos relativos ao curso preparatório do Serviço Auxiliar Voluntário; os alojamentos femininos, os quais são divididos em três, um de soldados e cabos, outro de sargentos e o terceiro de oficiais (patentes de tenente para cima), não devendo as classes se misturarem nesse âmbito; uma cozinha, pouco utilizada já que o MM conta com um refeitório onde o almoço sai por menos de cinco reais por dia; e o setor de protocolo, responsável pela entrada e saída dos documentos do MM.

Acoplado aos fundos dessa construção há um espaço circular, todo coberto com telhas, dispondo de uma churrasqueira em um de seus meios. O local ainda possui banheiros para homens e mulheres.

Seguindo em frente, encontram-se os alojamentos masculinos que também são divididos de acordo com a hierarquia militar. Depois vem a seção responsável pelos documentos das viaturas que entram e saem do MM.

Mais adiante há dois enormes galpões, nomeados de MOTOMEC 1 e 2, onde funcionam os centros mecânicos, incluindo suas administrações.

Com exceção da portaria, todos os demais ambientes citados acima se encontram a direita

da principal rua do MM. Já do lado esquerdo desta via, tem-se o único prédio do centro que possui apenas três andares, considerando-se o térreo. Neste, não há nenhum departamento, apenas duas motos antigas que foram usadas décadas atrás no policiamento se encontram em exposição.

O primeiro andar do edifício é composto pelo P-2, serviço secreto da PM, no qual os policiais se disfarçam a fim de descobrirem diferentes tipos de crimes, como por exemplo, o comércio ilegal de drogas; pelo refeitório onde todos os policiais da unidade podem almoçar, com exceção dos alunos do Serviço Voluntário, pois devido a grande quantidade destes o lugar não os comporta; pelo centro odontológico que cuida da saúde bucal dos servidores do MM, estando os alunos excluídos também desse serviço; pelo departamento responsável pelas licitações de serviços e equipamentos e contas do MM, trabalhando em sintonia com o P-4.

No segundo andar do edifício se encontra a seção de telecomunicações, responsável tanto pelo serviço de telefonia quanto pelo de informática; a sala da telefonista que redireciona as ligações para os demais setores; e a sala do tenente-coronel, o qual comanda o MM e possui uma secretária particular, a qual fica em uma antessala. O piso ainda abriga as duas salas de aulas usadas pelos alunos do curso de formação de voluntários, sendo os ambientes bem diferentes quanto à infraestrutura. Enquanto uma é encarpetada, com cadeiras almofadadas, ar-condicionado e um palco na frente da sala dedicado aos professores e onde se localiza um bonito móvel acoplado à parede, contando, inclusive, com uma lousa no interior dele, a outra sala possui um piso frio, cadeiras de madeira, um quadro branco pregado a parede e a ventilação é feita por meio de janelas em uma das laterais do ambiente, não havendo ar-condicionado e nem mesmo ventiladores. A diferença entre as salas pode ser explicada pelo fato de que a primeira é usada para reuniões e outras ocasiões importantes ocorridas no MM, já a segunda serve apenas para as aulas dos voluntários.

Atrás do prédio, fica um galpão que abriga materiais e suprimentos usados para os trabalhos nas MOTOMECs. Em seguida há uma quadra poliesportiva e um amplo campo com diversas amoreiras, espaço este que em breve deve dar lugar a novas construções.

A frente do edifício principal há um amplo espaço gramado, usado como depósito de carros, estando todos alinhados. Já chegando ao final do MM é possível encontrar o segundo posto de combustíveis presente na unidade.

Em linhas gerais essa é a configuração do CSM/MM, porém uma das coisas que mais chamam a atenção nesse lugar são os veículos, os quais de tempos em tempos chegam para serem emplacados ou consertados e são estacionados com extrema precisão e ordem de dar inveja aos melhores engenheiros do departamento de trânsito tamanha organização e precisão.

4. A chegada

Surpreendidos pela notícia de que iriam diretamente do CPA/M-3 para o MM, os novos alunos não tiveram tempo de se prepararem e de se adequarem as normas da polícia, grande parte deles inclusive achava que apenas escolheriam os locais de trabalho naquele dia e viram seus planos irem por água abaixo ao serem encaminhados ao ônibus com destino ao CSM/MM. Assim, após conhecerem os lugares pelos quais vão transitar durante os próximos dois meses, todos são postos na quadra poliesportiva onde são novamente enfileirados e recebem as primeiras orientações do sgt. Carvalho:

- Atenção, senhoras e senhores. A partir de amanhã o curso de formação dos senhores irá começar, por isso deixarei bem claro algumas regras básicas que deverão ser estritamente cumpridas. O início das aulas será às sete e meia e o término às dezoito horas. Todos deverão estar trajando roupas, deixe-me ver – o sgt. sai em busca de alguém que possa servir de exemplo, e logo que vê um, o aponta e prossegue – igual deste rapaz, ou seja, calça jeans e camiseta branca. A camiseta pode ter algo escrito ou desenhado? – sem deixar brechas para que os alunos pensem ou mesmo respondam o sgt. se adianta e responde instantaneamente suas próprias perguntas - Não! Ela deve ser toda branca. Os tênis devem ser pretos, porém como os senhores estão sem salários, - os voluntários recebem o primeiro pagamento acumulado com o segundo após dois meses de serviço – iremos tolerar os tênis de outras cores. Pode vir com sapatos, sandálias ou chinelos? Não, tem que ser tênis. Alguma pergunta?

- Senhor, a camiseta pode ser baby look? – indaga Leilane.

- Não, a camiseta deve ser como o próprio nome já diz uma camiseta, larga e comprida para evitar barrigas de fora. E quanto aos homens é proibido usar as calças no meio da bunda, se a calça for larga, usem cintos, pois ninguém aqui quer ficar vendo as cuecas de bichinhos dos senhores. Mais alguma dúvida? – após uns instantes de silêncio – Então, vamos para os cabelos, as mulheres devem fazer coques e os homens devem cortar as madeixas nas seguintes proporções: em cima, máquina 2; nas laterais, máquina 1; e no pé, zero. Quem preferir raspar tudo – e apontando para Tubarão – como este senhor, pode? Não, não pode. O padrão é o que acabei de dizer – e mirando o jovem careca – você deve deixar seus cabelos crescerem para atingirem as medidas estipuladas. Alguma pergunta?

- O senhor pode repetir os padrões do corte? – indaga Sol, o qual a pouco fora usado como exemplo nas vestimentas.

- Sim. Prestem atenção, é dois em cima, um nas laterais e zero no pé, caso os senhores esqueçam é só falar para o barbeiro fazer o corte militar, ele saberá qual é.

- Senhor – Leilane toma a palavra antes mesmo do sgt. perguntar se há mais dúvidas – e as meninas que têm cabelos curtos?

- Ora essa, não prende. Se bem que depende do tamanho para poder ser usado solto.

- E qual é senhor? – insiste a jovem.

- Se estiver passando da gola da camisa deve ser preso. – após a concordância de Leilane demonstrado com o mexer da cabeça, o sgt. continua – Mais alguma pergunta? – após um período de silêncio – Não, então, vamos em frente. As mulheres além da proibição dos cabelos soltos, não podem usar brincos que ultrapassem os lombos das orelhas e nem esmaltes escuros ou que contenham glitter. Já os homens estão proibidos de usarem brincos, e todos, sem exceção, não podem usar piercings aparentes, os que estão escondidos é problema de cada um, mas os mostra como em orelha, nariz, boca e etc. devem ser retirados. Enfim, em relação aos trajes e aparência é basicamente isso. Alguma dúvida? – depois de um novo período de silêncio – Não. Bem, isso aqui é um curso como qualquer outro, por isso tragam caderno, lápis, borracha, caneta de preferência preta e tudo mais que precisarem para acompanharem as aulas. Perguntas? – ninguém se manifesta – Não, então, vocês estão dispensados, lembrando que amanhã devem estar prontos para o início das aulas às sete e meia, sendo que atrasos não serão tolerados. Estão todos dispensados, podem ir agora providenciar as adequações e coisas necessárias para amanhã.

Dispensados, os alunos em especial os garotos, devem correr, pois a maior parte do dia já se fora, sobrando pouco tempo para se adaptar e adotar as normas e regras exigidas. Os padrões e horários são fundamentais à disciplina militar, sendo que os alunos que não os cumprem estão passíveis de serem punidos. No caso do Serviço Auxiliar só há um tipo de punição, a Licença Escolar Caçada (L.E.C.), a qual seria uma espécie de anotação pelo não cumprimento de alguma regra, gerando horas extras de trabalho após o término das aulas.

5. Geise

Jovem negra, de estatura média, magra, simpática, atenciosa, de pouco falar, formada em Letras. Geise faz parte da triste realidade nacional, da qual jovens recém-formados não conseguem emprego, mesmo tendo concluído o ensino superior. Por isso, e também pelo salário que embora não seja muito, dois salários mínimos mais setenta reais em vale alimentação, já significa algo substancial para ela, pois necessita ajudar as despesas de casa e mesmo não tendo nenhum interesse pela área de segurança, ela resolveu entrar no programa.

Com o decorrer do curso de formação o que era para ser temporário acaba por abrir uma chance de se tornar permanente, pois Geise começa a pensar na possibilidade em prestar o concurso para efetivo, o que a tornaria uma soldado da PM e lhe garantiria mais do que o dobro do salário de temporário, proporcionando uma estabilidade financeira, procurada desde o ingresso na faculdade e até o momento não encontrada, a deixando desesperada e vulnerável a outras opções.

Por seu jeito tímido, ela facilmente passaria despercebida dentre os alunos do primeiro pelotão, contudo Geise é sem dúvidas a campeã de L.E.C.s. O problema dela é que seu relógio biológico costuma se atrasar pela manhã, dificultando, ou melhor quase impossibilitando sua chegada no horário no MM.

Embora não seja uma pessoa enrolada ou atrasada em suas atividades, a jovem tem problemas para acordar cedo. Assim, constantemente chega após às sete e meia no curso de formação, mesmo morando relativamente perto da unidade de formação se comparado a outros alunos que gastam horas no trajeto diário.

Os atrasos lhe garantiram L.E.C.s, a tornando conhecida pelos funcionários do MM e gerando algumas faxinas em diferentes seções após o expediente, as quais não a abatem e nem mesmo a constroem, diferentemente de outros alunos, os quais veem a medida como um abuso já que entraram no programa para serem auxiliares administrativos e não faxineiros, alegam eles. Contudo ninguém reclama abertamente, pois desde o primeiro dia o sgt. Carvalho deixou claro que a polícia possui regras e normas, e ressaltou o fato de ninguém ter ido buscar os voluntários em casa para trabalhar, estando eles ali por vontade própria, podendo os descontentes pedir baixa a qualquer momento.

Geise não vê a hora do curso terminar, pois o expediente dos voluntários, e de toda a administração da PM, se inicia às oito e meia, o que lhe garantirá mais uma hora de sono.

Um dia, Geise surpreendeu aos seus colegas de classe, para o espanto de todos, ela chegou no horário certo no dia da formatura da turma. Quando a viram, muitos pensaram que talvez

ela tivesse entrado nos eixos após dois meses sob o regime militar, outros criam ser a razão de tal façanha a possibilidade de parentes dela terem ido acompanhar a cerimônia, ainda havia os que achavam por ser a formatura, um dia especial, ela decidira se antecipar para não fazer feio naquele momento simbólico e se programara para acordar mais cedo.

Todos erraram suas apostas e a própria Geise revelou as amigas de pelotão enquanto trocavam de roupa no vestiário feminino, o motivo de tal proeza:

- Gente, quase cheguei atrasada hoje, perdi a hora. – ninguém disse nada, mas as companheiras de Geise se entreolharam com um sorrisinho no canto dos lábios, pois aquilo não era novidade, pelo contrário – Tive que vir de táxi, senão ia perder a formatura.

As jovens se entreolharam novamente e soltaram o riso até então reprimido. Nada havia mudado, aquela era a mesma Geise que conheciam há dois meses.

6. Primeiro Pelotão

No primeiro dia de aula, os setenta alunos do CSM/MM estavam todos devidamente trajados com as camisetas brancas e as calças jeans azul, o chamado bixofome. Os garotos com os cabelos cortados no estilo militar e as garotas de coques, com poucas exceções para aquelas com cabelos curtos.

A primeira tarefa do dia a ser cumprida pelos alunos é se enfileirarem em frente os mastros da unidade para participarem do hasteamento das bandeiras nacional, estadual e da PM. As bandeiras começam a ser hasteadas e os alunos são orientados a segui-las com uma leve inclinação das cabeças, com os olhos fixos nas mesmas e prestando continência até o final do ato. Junto ao hasteamento, os alunos devem soltar a voz e cantar o hino nacional e depois já com as cabeças de volta ao lugar, eles entoam a canção da Polícia Militar de São Paulo. As duas músicas e outras mais estão compiladas em um hinário, formado por uma série de letras impressas em sulfite, entregues aos alunos.

As cópias de todas as músicas foram distribuídas para todos os alunos, cabendo a cada um a tarefa de recortar as canções e formar um pequeno hinário. O material é considerado de uso obrigatório, devendo os alunos portá-lo em um dos bolsos de suas calças, já que quem é surpreendido sem ele está automaticamente de L.E.C. Por isso, a fim de evitar a punição, grande parte dos alunos mantém suas folhas soltas, distribuindo partes de seus hinários aos amigos desprevenidos em algum momento.

Depois das bandeiras serem hasteadas e de soltarem a voz, os alunos seguem para o prédio principal da unidade a fim de acompanharem suas primeiras aulas. Até esse momento, no primeiro dia de curso, não havia qualquer divisão entre os setenta alunos, os quais optaram em fazer o curso de formação no MM. Ao chegarem em frente a uma das salas, a mais simples por sinal, os jovens são orientados a preencherem os lugares. Após a lotação da sala, os demais são encaminhados à outra sala.

A primeira sala preenchida dá origem ao primeiro pelotão, passando seus integrantes a serem conhecidos dessa forma a partir de agora, enquanto os demais alunos formam o segundo pelotão.

O primeiro pelotão, retratado neste livro, possui uma distribuição quase equilibrada entre a quantidade de homens e mulheres, sendo aqueles maioria. Dentro da sala, as garotas ocupam as cadeiras da metade para frente do ambiente enquanto os rapazes ficam da metade para trás. Essa organização é fruto do acaso, pois à medida que os alunos foram entrando na sala e se sentando nas cadeiras vazias, sem escolher os lugares.

Nas duas primeiras fileiras estão as meninas com um conhecimento prévio do Serviço Auxiliar, mesmo não tendo feito parte do programa anteriormente, elas já tinham prévio interesse em entrar na PM.

As outras fileiras de garotas possuem uma mistura mais heterogênea, abrigando desde as interessadas em seguir carreira na polícia até aquelas que não sabem nem ao certo explicarem o motivo de se encontrarem aí. Enquanto, as jovens estão assim distribuídas, os garotos podem ser divididos entre os da esquerda, os do centro e os da direita. Os primeiros são os mais tímidos, quase sem expressão no pelotão. Os do centro, em sua maioria, desejam seguir carreira na PM, estando três ou quatro, inclusive, em processo de seleção para soldado. Já os da direita são os mais imaturos, estando ainda indecisos quanto a seus objetivos e metas profissionais, sendo ainda os mais animados e falantes.

Apesar das diferenças, os membros do primeiro pelotão se dão bem entre si, não havendo rivalidades declaradas. A única reserva de grande parte da turma é em relação a uma garota que parece sempre estar na contramão do grupo.

7. Leilane

Jovem negra, de estatura mediana, magra, porém encorpada. Proveniente de uma família de baixa renda, ela ainda não terminou o Ensino Médio embora tenha dezenove anos. Apesar das dificuldades financeiras, a jovem sonha alto e pretende melhorar de vida o mais rápido possível, sem medir custos ou consequência para isso.

Dona de uma personalidade forte, nada lhe passa despercebido, fazendo questão de deixar claro sua opinião sobre o assunto em pauta. Na sala de aula, Leilane ocupa uma das cadeiras da primeira fileira. Após a metade do curso partirá dela a iniciativa de exigir a troca de salas, já que o segundo pelotão havia ficado com a mais confortável e melhor equipada.

Devido a sua espontaneidade e vontade de sempre querer mais, a garota acaba gerando inimizade da maioria dos seus companheiros de turma, os quais a veem como uma pedra no caminho. Para eles, o melhor seria a ela passar em branco, sem suas indagações e questionamentos controversos. Apesar da antipatia, de parte dos colegas, ela não deixa de se pronunciar e de opinar. Dentre suas amigas, e muitas vezes suas apoiadoras, estão Vitória e Aline, as quais lhe têm uma amizade sincera.

Para Leilane, a PM é uma escada para seu sucesso profissional e para sua melhora de vida, por isso ao entrar no Serviço Auxiliar Voluntário, ela fez questão de voltar a estudar a fim de poder prestar o concurso para efetivo, o qual exige nível médio completo. Contudo, logo nas primeiras semanas de curso, Leilane abandona novamente a escola, pois sem receber pagamento durante o processo de formação, ela não possui condições financeiras para ir e voltar para casa todos os dias, se tornando uma laranjeira, que na “gíria” militar se refere aos que ficam internos nas unidades militares, fazendo destas também seus lares.

Quando os voluntários, que já trabalham no MM, resolvem dar uma festa, eles decidem convidar somente as meninas participantes do curso de formação, estando todos os rapazes de fora. Poucas garotas se animam a ir, estando Leilane entre as presentes no evento.

Na festa, enquanto as demais jovens se arranjam com os voluntários, Leilane vai mais além e decide conquistar o único cabo presente, o qual é o motorista do tenente-coronel do MM. Usando sua experiência e suas habilidades a seu favor, a garota consegue ficar com o cabo.

Para Leilane estar próxima ao comando do MM é uma oportunidade de ganhar poder e status, o que o fato de ser uma aluna do voluntariado não lhe confere. Quando uma lista é passada para que aqueles que desejam ficar no MM após o curso, possam escolher a seção em que queiram trabalhar, sem qualquer dúvida ou receio, ela logo escreve: secretária pessoal do tenente-coronel.

8. Hierarquia militar

Após as aulas do período matutino, é hora de dar uma pausa nos estudos para almoçar. Os alunos formam, as já convencionais e organizadas filas e entram em um ônibus da PM. O caminho a ser percorrido não ultrapassa dez minutos de viagem, e logo eles se encontram em frente ao Centro de Suprimento e Manutenção de Material de Subsistência (CSM/MSubs) onde irão comer.

O CSM/MSubs fornece alimentação todos os dias a milhares de policiais, das mais diversas patentes, ainda assim engana-se quem pensa que todos fazem suas refeições em um mesmo espaço. Dentre os lugares onde os alunos passarão durante o curso, provavelmente, é aqui o local onde o princípio da hierarquia militar e a divisão entre cada segmento ficará mais claro, ou melhor, mais visível.

Três grandes refeitórios estão um ao lado do outro, sendo que da portaria, pela qual os alunos entram, o primeiro salão é exclusivo para oficiais, o segundo é apenas para sargentos e subtenentes e o último para cabos, soldados, e também voluntários, sejam estes alunos ou já em serviço. A comida é mesma para todos, ainda assim os salões diferem em infraestrutura e qualidade.

O primeiro almoço da turma reserva uma agradável surpresa, pois ainda nas longas filas de espera é possível ver os amigos que fizeram nos testes escrito e físico para o ingresso no Serviço Voluntário, mas foram encaminhados para realizar o curso preparatório em outras unidades. Assim, ao escolher dentre uma farta variedade de saladas e pratos quentes, os alunos se dirigem às mesas com rostos conhecidos.

Independente da mesa de alunos, a conversa é a mesma: como estão sendo tratados no local de formação, com quem já tiveram aulas, quais as obrigações, horários de entrada e saída e as primeiras impressões da PM.

Enquanto os alunos do MM contam ter um início de curso leve com uma escola normal, sendo o único inconveniente as L.E.C.s, os alunos de outras unidades dizem passar por situações mais extremas, ou melhor, mais militarizadas, como ter de ficar parado em ordem mesmo com o lançamento de gás lacrimogênio e da obrigatoriedade de trabalhar no próximo feriado a fim de fazer a faxina do quartel. A conversa poderia durar horas, mas não passa de meia hora, sendo interrompida pelo aviso de que está na hora de voltar para as unidades de formação.

No ônibus, o silêncio e a ordem estabelecidos na ida, dão lugar a conversas agitadas, pessoas caminhando de um lado para o outro. Os primeiros apelidos surgem, sendo o primeiro deles o de Tubarão, o qual ninguém sabe ao certo dizer como e por que surgiu.

9. Tubarão

Jovem negro, alto, magro, com ensino médio completo, Tubarão é o jovem careca do primeiro dia, orientado pelo sgt. Carvalho a deixar seu cabelo crescer, algo que jamais irá ocorrer no período de formação, pois ele acha a medida absurda e sem fundamentos, pois para ele a falta de cabelos não atrapalha em nada. Tubarão entrou no Serviço Voluntário no limite da idade permitida, a de vinte e três anos, prestes a fazer vinte e quatro.

É ainda um dos mais animados e influentes do grupo e apesar de ser um dos mais velhos, isso não resulta em seriedade de sua parte, pelo contrário, está sempre fazendo brincadeiras e comentários, garantindo risadas por parte do restante da turma. Mas, o maior dom de Tubarão é sem dúvida o de compor músicas, e não se trata de qualquer canção, e sim aquelas cantadas durante treinamentos militares, como por exemplo, quando um pelotão corre.

Logo nas primeiras semanas de curso, o jovem aparece com um pequeno pedaço de papel, o qual vai passando de mãos em mãos, e tem como resultado palavras de apoio e aprovação por parte dos companheiros de pelotão. Após o incentivo dos amigos, é hora de mostrar a obra a algum dos professores, e a oportunidade não poderia surgir em melhor hora do que na aula de Ordem Unida, então Tubarão levanta uma de suas mãos e se pronuncia:

- Senhor, posso lhe mostrar uma música que escrevi?

- Claro que sim. – responde o subtenente Gomes, surpreso e animado ao tempo – O pelotão já a conhece?

- Sim, senhor. Todos já deram uma olhada.

- Puxa, então, eu quero ver.

- Sim, senhor. – nervoso, mais entusiasmado para saber se sua canção seria aprovada pelo responsável pelo primeiro pelotão, Tubarão enche os pulmões e em alta voz entoou:

“Eu sonhei que era major,

E ralava o capitão.

Acordei no canguru,

E pagando flexão.

Por isso, SAV IX pense muito bem,

Não vai pisar com o pelotão.

O sargento é camarada,

Mas não vai dar mole não.”

Cada linha que Tubarão cantava era repetida pelos colegas em coro. Ao término da música, o subtenente disse:

- A canção é boa, muito boa mesmo.

- Obrigado, senhor. – Tubarão estava todo orgulhoso de si mesmo, até que...

- Mas, só tem um problema.

- E qual é senhor?

- Eu não sou sargento e sou eu quem está à frente deste pelotão, por isso quando estiverem comigo vão ter de dizer subtenente.

- Pode deixar, senhor. – respondeu Tubarão aliviado pelo problema ser somente esse pedido, porém ele só fazia a mudança na presença no subtenente, preferindo a letra original quando a canção era cantada em outros momentos.

Naquele dia, os tradicionais “um, dois, três, quatro” e “quatro, três, dois, um” deram lugar a música que ficaria conhecida como a do Canguru. A primeira canção escrita por Tubarão não agradou apenas o subtenente e seus companheiros de pelotão, mas ainda os demais instrutores do curso, com exceção do capitão, o qual fez questão de ressaltar que o exercício conhecido como canguru era muito antigo e já não se usava mais na corporação. Os alunos do outro pelotão também adoraram a música, e sempre incluíam a palavra canguru em suas conversas e, principalmente, em suas brincadeiras.

Ainda assim, a frase que ficaria guardada na memória dos colegas de turma de Tubarão, não foi nenhum trecho de suas músicas, mas sim uma repreensão do subtenente, o qual sem pensar duas vezes, berrou:

- Tubarão, cai de boca e paga dez. – clara referência ao pagamento de dez flexões para aprender a não fazer coisas erradas, mas pelo duplo sentido ganho por meio das mentes maliciosas dos alunos, o dito entrou para a história do pelotão.

10. As aulas

Todos os professores, ou melhor, instrutores do curso de temporário são policiais, de diversas patentes, departamentos e unidades, mesmo não sendo a opção obrigatória pelas regras da PM, não se sabe ao certo o porquê dessa escolha pelo Estado, se por economia ao dar um adicional aos militares, saindo mais barato do que contratar professores civis, ou se devido à falta de especialistas em assuntos específicos da instituição, como seu funcionamento e regras.

A grade curricular dos alunos abrange áreas do Direito, como Penal e Direitos Humanos, e ainda inclui Língua Portuguesa, Educação Física, disciplinas mais militares como Ordem Unida e Hierarquia e Disciplina, entre outras. Nas aulas de História da PM, os alunos aprendem bastante sobre as guerras e lutas que a corporação participou, porém o período da Ditadura Militar é praticamente ignorado, pouca coisa sobre o período é estudada e ainda assim nenhuma palavra sobre repressão, tortura ou outros abusos cometidos pelos militares são citados. A época é mostrada como as demais e sem abertura para os alunos questionarem, pois o assunto ainda incomoda a corporação, preferindo esquecê-lo e deixá-lo guardado a ter de abordá-lo com os novos ingressantes na instituição.

Cada professor possui um estilo próprio de ensinar, observando e seguindo as regras militares. As tenentes são as mais rígidas, principalmente com as meninas, tratadas bem e até protegidas por vários instrutores.

O tenente Alves se utiliza de uma técnica muito particular a fim de que os alunos prestem atenção em suas aulas, cada vez que ele vê alguém cochilar, manda todos descerem até o andar térreo do prédio e em frente às hastes das bandeiras se posiciona junto ao solo acompanhado de todos os alunos para fazerem dez flexões.

Na primeira vez em que os alunos desceram para cumprir suas primeiras flexões houve um breve desentendimento entre o tenente e as garotas da turma.

- Senhor, as mulheres não podem fazer flexões igual aos homens. – protesta Leilane.
- Não quero nem saber, ninguém pode por os joelhos no chão.

A resposta causou um certo furor entre as alunas que achavam a ordem absurda, e desde o primeiro dia de curso, os alunos aprenderam a obedecer todas as ordens de seus superiores com exceção das ditas absurdas. Por isso, a bióloga Nanci resolve se manifestar:

- Senhor, nós mulheres não podemos fazer flexões da mesma maneira que os homens, pois é comprovado cientificamente que nos causa danos. Por isso, devemos usar os joelhos como apoio para que nada de mau nos aconteça.

Ao se ver saída e pressionado pelas alunas, o tenente acabou cedendo e as flexões finalmente tiveram início. Enquanto o tenente Alves pune todos alunos por causa dos sonecas, o sgt. Carvalho aposta na mudança de ambientes para as aulas não se tornarem monótonas. Assim um dia ele fica na sala, outro vai para quadra ou no espaço onde fica a churrasqueira e assim por diante.

O sgt. Carvalho leciona a matéria de Hierarquia e Disciplina, a qual é uma das principais, pois os alunos devem agir como militares enquanto estiverem em seus ambientes de trabalho. Na primeira aula, dada na própria sala, o sgt. apresenta todos os cargos da polícia, deixando para o final a seguinte pergunta:

- E o soldado temporário em que lugar fica nessa escala?

- O temporário não é nem o primeiro degrau, é o tapetinho mesmo. – responde prontamente Rebelde.

Todos começam a rir e concordam com a jovem. O sgt. diz que eles devem se valorizar mais e mesmo estando na base da escala hierárquica devendo servir e obedecer a todos, inclusive os soldados, o serviço tem seu valor e importância dentro da organização.

O fato é que os alunos nasceram pouco antes e até mesmo durante a promulgação da Constituição de 1988, conhecida como Cidadã. Crescidos em meio a um estado democrático de direito há um choque quando se entra na polícia e se confronta com um sistema autoritário com ordens de cima para baixo. Alguns se adaptam fácil ao novo sistema, outros levam mais tempo e há ainda aqueles que não se adequam nunca, como Rebelde, e por isso sofrem mais.

Se o tenente usa da punição e o sgt. da mudança de locais para manter os alunos atentos e participativos, a sgt. Maria se utiliza de métodos mais tradicionais, semelhantes aos da escola primária. Maria não só envia lições para serem feitas em casa, como pede aos alunos para irem até a lousa colocar as respostas dos exercícios.

O método faz com que muitos recordem os primeiros anos escolares e incomoda parte do grupo, o qual a princípio não leva a sério a proposta da sgt., gerando uma série de L.E.C.s.

11. Rebelde

Jovem de apenas dezoito anos, branca, magra, de família de classe média, entrou no voluntariado sem saber ao certo o motivo, pois não pretende seguir carreira e mesmo não necessitando de dinheiro para ajudar em casa, ela acredita ser essa a razão mais provável para seu ingresso na instituição, já que poderá passar a depender menos dos pais e até juntar uma grana.

O interesse da jovem está mesmo em entrar no próximo ano em uma universidade pública, para isso todos os dias ao sair do MM ela segue para um cursinho pré-vestibular onde fica até às onze horas da noite.

Não foi a toa que a garota recebeu o apelido de Rebelde, afinal dentre os alunos do primeiro pelotão foi ela quem estreou os L.E.C.s.

Na segunda semana de curso, Rebelde começou com dia daqueles, no qual tudo acontece, e pior, dá errado. Logo pela manhã, após se trocar no vestiário, sem querer trancou seu armário com as chaves para dentro do mesmo. Sem caderno, caneta ou hinário, ela sabia estar vulnerável a levar uma punição a qualquer momento, o que só não ocorreu devido aos materiais emprestados por seus amigos de pelotão.

Quando o problema do armário foi resolvido, tendo um dos policiais da MOTOMEC forçado a porta do armário da jovem com uma chave de fenda, deixando inclusive uma curvatura no local, o perigo da L.E.C. veio sob a forma de exercício da sgt. Maria. Rebelde não fizera a lição de casa, ainda assim foi capaz de responder às questões solicitadas, escrevendo as respostas corretas na lousa.

Nos últimos cinco minutos da aula, a sgt. Maria disse que ditaria uma frase, a qual os alunos deveriam acentuá-la, estando desobrigados de anotá-la aqueles que já conheciam. Rebelde preferiu não escrever nada, mesmo não tendo feito o exercício anteriormente. A sgt. começou a ditar e percebeu que apenas uma jovem sentada de lado não estava escrevendo, e resolveu perguntar:

- Por que você não está anotando o que eu estou dizendo?
- Ah! – disse Rebelde em tom irônico e ainda mais sádica – Era para anotar?

A audácia deixou a sgt. nervosa e sem pensar duas vezes, ela disse:

- Qual seu número?
- Não sei não. Ninguém me disse.

- Então, qual é seu nome?

- Rebelde.

- Ok. Você já tem uma anotação.

Todos ficaram espantados com a ousadia da jovem que mesmo sendo informada de sua punição, em momento algum mostrou qualquer arrependimento ou medo consequentes de sua atitude. Somente no final do dia quando os dois pelotões estavam reunidos para serem dispensados e ao sgt. Guedes anunciar que dois alunos, um de cada grupo, tinham ganhado uma anotação na aula da sgt. Maria, foi que Rebelde se defendeu dizendo não estar com seus materiais no momento do fato, pois eles teriam ficado presos em seu armário, motivo pelo qual ela não pudera anotar a frase dita pela sgt. Nenhum dos companheiros de turma de Rebelde se ateu ao fato de que naquela hora seu armário já estava aberto e ela em posse de seus materiais, inclusive, Nanci, uma de suas amigas, confirmou a versão.

Embora tenha levado o primeiro L.E.C. de seu grupo, Rebelde nunca o cumpriu, pois no dia da anotação o tenente César, responsável pelo curso de temporário no MM, apenas advertiu os dois primeiros anotados.

Na próxima aula da sgt. Maria pouco mais de dez alunos do primeiro pelotão foram anotados por não terem feito a lição de casa devendo cumprir no final do mesmo dia a L.E.C. recebida. Achando-se injustiçados, os jovens anotados se manifestaram, fazendo questão de que Rebelde também cumprisse sua punição com eles, afinal ela havia estreado as anotações.

A garota só não foi punida com os demais, pois sem saber o porquê, ela agradara o subtenente Gomes. Sem dar explicações, ele a liberou do castigo, tendo apenas advertido:

- Vai com calma, pois eles estão querendo sua cabeça.

12. Mulheres no MM

O CSM/MM, assim como a PM em geral, possui uma quantidade reduzida de mulheres se comparada a de homens. As primeiras turmas do Serviço Auxiliar Voluntário contavam com no máximo cinco mulheres por pelotão, com o passar dos anos esse número cresceu rapidamente, sendo que dentre os alunos do SAV IX, presentes no MM, cerca de quarenta por cento são do sexo feminino.

As meninas mudam o ambiente do centro mecânico, transformando a rotina de desfile de roupas com graxas por trajes apertados, além de muitos acessórios e jóias. Se por um lado, os homens, em especial os temporários de turmas anteriores, se agradam da invasão, há quem não goste nem um pouco.

Logo na terceira semana de aula, todas as alunas são orientadas a permanecerem em formação, ou seja, em filas, após o horário e a liberação dos rapazes. As tenentes, de meia-idade, Rosa e Margarete começam o discurso:

- Boa tarde, senhoras. – diz Rosa, após a resposta do coro feminino, ela continua – Nós viemos aqui para expor algumas regras constantes no regulamento militar que não estão sendo cumpridas pelas senhoras. É obrigatório o uso de maquiagem e os cabelos devem ser presos em coques, e – virando-se para Margarete – você quer acrescentar algo?

- Sim. Por favor, evitem o uso de decotes, saias e blusas que deixem a barriga de fora, pois se as senhoras não perceberam ainda, isso aqui é um centro mecânico e está cheio de homens andando por aí. Sejam discretas para seu próprio bem. E para aquelas que são laranjeiras está proibido ficar fora do alojamento após o jantar que não deve ser feito após às dezenove horas. Bom... – e voltando-se para Rosa – acho que é só.

- A partir de amanhã espero ver todas se portando e vestindo-se adequadamente conforme o que foi dito, pois a não observância das regras podem gerar punições. As senhoras estão dispensadas.

Poucos dias após essa conversa, as alunas seriam novamente reunidas, e desta vez o assunto era bem mais grave.

- Boa tarde, senhoras – disse o tenente César – algumas de vocês já devem saber o porquê dessa reunião. A aluna Carla do primeiro pelotão diz que alguém pegou dez reais seus, os quais estavam dentro do seu armário. Confesso que uma situação como essa envolvendo mulheres nunca ocorreu aqui antes, até porque a quantidade de garotas sempre foi muito reduzida. Em uma outra turma, anterior a de vocês, nós já tivemos um caso parecido com esse, contudo no

final descobriu-se que tudo não passara de uma mentira do aluno. Nós não estamos aqui para acusar ninguém, por isso se alguma das senhoras viu ou sabe de algo pode se manifestar agora.

- Quando sumiu esse dinheiro? – perguntou Rebelde.

- Carla, - pediu o tenente – você pode contar a todas o que aconteceu?

- Sim, senhor. Hoje de manhã quando eu cheguei no MM tirei meu casaco que estava com o dinheiro em um dos bolsos para trocar de roupa e o coloquei no armário. Depois do almoço quando lembrei e resolvi guardar o dinheiro, não achei mais nada no bolso da jaqueta.

- Será que ele não caiu em algum lugar? – indagou Aline.

- Não, eu lembro que estava bem guardado no bolso.

- Mas, você tem certeza de que trouxe esse dinheiro hoje? – questionou Rebelde.

- Sim, ele estava na minha jaqueta há dias.

- Então, você pode tê-lo perdido por aí. – concluiu Leilane.

- Não, eu tenho certeza que estava no meu bolso hoje pela manhã.

Começaram as conversas paralelas sobre a veracidade ou não dos fatos, a fim de evitar o desvio do foco, o tenente resolveu concluir:

- Silêncio! É o seguinte, vocês têm até amanhã para dizerem se sabem ou se viram algo. Quem quiser pode me procurar em particular se não quiser se expor na frente das demais colegas. Mais uma vez deixo bem claro que não queremos constranger e nem acusar ninguém sem provas, por isso conto com a colaboração das senhoras para resolvermos esse caso. Quanto ao dinheiro se ele não aparecer, eu proponho que façamos uma caixinha para devolver o valor subtraído da colega. – antes que alguém pudesse se manifestar sobre a proposta de restituição, o tenente anunciou – As senhoras estão dispensadas.

Mesmo dispensadas, as jovens permaneceram um longo tempo paradas no pátio em frente ao vestiário, discutindo o caso. A maioria não concordava com a ideia de ter de pagar pelo dinheiro sumido, ainda que o valor para cada uma fosse pequeno. Dentre as contrárias a restituição do dinheiro estava Aline, a qual recorreu ao sgt. Guedes para reverter à situação.

13. Aline

Alta, branca, magra ainda que tenha uma estrutura corpórea larga, Aline é uma jovem de classe média, filha do tenente PM Góis. A garota de apenas dezoito anos, ainda não sabe se opta por cursar geografia, em uma universidade pública ou se tenta seguir a carreira do pai, sendo oficial da PM, pois para ela não lhe interessa ingressar na categoria de praça, como soldado.

A decisão sobre o destino de Aline parece estar além de sua vontade, pois neste ano de 2006 não haverá vagas para mulheres na Academia do Barro Branco, escola na qual os oficiais da PM recebem formação de nível superior. O quadro feminino de oficiais está completo, por isso não surgirão novas vagas, pelo menos não para o próximo ano.

Mesmo com essa novidade, Aline diz não abrir mão da PM, mesmo por hora priorizando seus esforços e estudos no cursinho pré-vestibular, frequentado por ela todas as noites a fim de capacitá-la para o ingresso em uma universidade pública em 2007, preferência decidida desde o início do Ensino Médio.

A paixão de Aline pela PM está intimamente ligada à admiração da jovem pelo seu pai, o qual entrou na polícia como soldado, subindo aos cargos de cabo e sargento, e após cinco anos seguidos de tentativas, já com os filhos pequenos, finalmente passou no concurso e entrou para o Barro Branco. Mesmo com o exemplo de ascensão em casa, ela não deseja começar de baixo, assim como grande parte dos ingressantes da Academia, Aline pretende entrar direto para oficial ou preferir ficar de fora da corporação, pois não planeja passar meses e até anos obedecendo ordens e se sujeitando a seus superiores.

Motivada pela conquista do pai, visto pela filha como um exemplo a ser seguido, Aline resolveu entrar para o Serviço Voluntário a fim de conhecer mais a instituição e ver se gosta realmente da profissão, uma de suas opções de carreira. Desde o primeiro dia no MM, ela faz questão de estar sempre à frente dos demais alunos, sendo que toda vez em que é preciso alguém para realizar uma tarefa, Aline se dispõe a fazê-la. Por isso, ela logo ganha a confiança e passe livre no Gabinete de Treinamento, o GT, comandado pelo sgt. Guedes. Outra conquista da jovem é um affair com o voluntário Edu, o qual trabalha junto com o sgt. Guedes.

É Aline quem faz a relação com os nomes de guerra, denominação pela qual cada um será conhecido dentro das unidades militares, de todos os alunos, assim como é ela quem localiza os professores que darão aulas e ainda é a primeira chefe de turma do primeiro pelotão. O cargo de chefe de turma dura apenas um dia, devendo todos passar por ele, ou pelo menos deveriam, pois a quantidade de alunos é grande para o curto período do curso. Cabe ao chefe de turma organizar os alunos em ordem, conferir os ausentes e saber onde estes se encontram e apoiar

os professores em tudo o que for necessário, desde buscar um pincel atômico para escrever na lousa até anotar os alunos a serem punidos por alguma transgressão.

No último dia de aula, os alunos fazem uma prova, na qual devem acertar ao menos setenta por cento das questões para seguirem no programa de voluntariado. E foi exatamente no último dia que Aline quase deixou todo seu esforço e dedicação de dois meses ir por água abaixo. Ao preencher o gabarito, logo na segunda resposta, ela pulou a questão, respondendo a pergunta dois no espaço destinado a três e assim foi colocando as demais soluções nos locais errados. Apenas ao chegar ao último exercício, ela percebeu o erro e rapidamente o comunicou ao sgt. Guedes, todas as regras militares deram então espaço ao famoso jeitinho brasileiro, presente também nas instituições governamentais do país, pois sem nem pensar, o sgt. disse não haver problemas e como se fosse uma recompensa pelos serviços da jovem durante os dois meses de curso, deu um novo gabarito, um novo fôlego e uma nova chance para Aline continuar na PM.

14. Primeiro Canguru Combatente

Quase na metade do curso, no início da quarta semana de aulas, o primeiro pelotão resolve se reunir para finalmente escolher um nome para o grupo. Pressionados pelo segundo pelotão que logo na segunda semana se decidiu pelo nome Bravo, o qual significa a letra B no alfabeto alfanumérico, o primeiro pelotão se vê encurralado, e chega o momento em que não dá mais para adiar. Após as aulas do período matutino, a turma se junta e Aline toma a frente anotando as sugestões a serem votadas em seguida.

- Eu penso que poderíamos chamar Alfa, já que o segundo pelotão é o Bravo – opina Leilane.

- Eu concordo com você. – argumenta Vitória – Acho ainda que poderia ser Charlie ou Delta, as quais também são letras do alfabeto alfanumérico.

Enquanto Aline anotava as sugestões das colegas, o restante do grupo discutia as demais possibilidades, de repente, alguém berrou:

- Canguru. – a sugestão sem identificação era cogitada por todos e antes mesmo da reunião era um termo usado constantemente pelos alunos dos dois pelotões devido à música de Tubarão. A ideia agradou diversos alunos, os quais começaram a gritar:

- Canguru! Canguru! Canguru...

- Calma, gente, eu já vou colocar essa opção aqui. – disse Aline em meio ao entusiasmo de parte da turma.

Da rodinha formada por Tubarão, Rebelde, Forest, Macieira, Nanci, Marta, Jova e os T's surgiu a ideia de acrescentar as palavras primeiro e combatente, gerando o nome Primeiro Canguru Combatente.

As palavras foram escolhidas minuciosamente, em meio a risadas e brincadeiras, para formar a sigla PCC, fazendo uma clara alusão à sigla da principal organização criminosa do estado de São Paulo e que há poucos meses fizera diversos ataques, os quais segundos dados do jornal Folha de São Paulo não só resultou na morte de 47 mortes atribuídas ao PCC, e 373 atentados, como também deixou a principal cidade do país, conhecida por nunca parar, as moscas, já que a população ficou com medo de sair às ruas. O caos só foi resolvido após sete dias. O episódio não só marcou a instituição, como fez com que algumas coisas mudassem pelo próprio bem e segurança dos policiais, como evitar andar fardado a caminho do serviço. Mesmo ressaltando a superioridade organizacional, os policiais sentiram medo naqueles dias e temeram não só por suas vidas, como também pela de seus familiares.

No momento da criação de palavras que formassem a sigla PCC, os jovens nem sequer refletiram no que ela podia representar e muito menos levaram em consideração os fatos trágicos recentes causados pela organização criminosa, apenas acharam graça na coincidência e disseram o nome sem pensar. Aline começou a anotar a sugestão, mas ao perceber o que estava escrevendo, logo parou e protestou:

- Aí não dá pessoal, esse nome eles não vão deixar.

- Vocês estão loucos? Querem que nos expulsem, é? – disse Leilane irritada.

- Poxa, gente, é sério, isso não é brincadeira. – acrescentou Vitória.

Pequenos grupos se formaram para discutir a questão, e um tumulto teve início, foi então que Tubarão se pronunciou:

- Faz o seguinte tira os outros nomes e deixa só Canguru.

- Isso mesmo, deixa só Canguru como estava antes e vamos fazer essa votação logo que eu não aguento mais ficar aqui. – completou Rebelde.

- Ainda assim eu acho que não está certo. – replicou Leilane – Canguru não é um nome sério. Olhem, o segundo pelotão se chama Bravo e a gente vai se chamar Canguru? Isso é um horror.

- Pediram para dar sugestões e agora tem diversas na lousa, então vamos votar e ver qual nome ganha, o que a maioria decidir vai ser e pronto. – disse Macieira.

De um lado, Vitória, Leilane e Aline defendiam a retirada do nome Canguru, enquanto o grupo que há pouco sugerira a sigla PCC protestava pela permanência do nome. Cerca de dez minutos depois de uma discussão acalorada, resultante na divisão da turma a cerca do assunto, estando a maioria do grupo a favor da permanência da sugestão, a votação finalmente começou.

O resultado foi uma vitória expressiva pelo nome Canguru ante os demais. A discussão recomeçou, tendo Leilane, dessa vez, conseguido a adesão de mais algumas garotas das primeiras filas. A fim de acabar com o impasse, Aline sugeriu:

- O que vocês acham da gente falar com o subtenente Gomes e perguntar se ele não tem nenhuma outra ideia que possa agradar a todos e quem sabe entramos em um acordo.

Cansados com a demora da reunião interminável e famintos devido ao atraso no horário do almoço, todos concordaram com a ideia de Aline e calmamente foram deixando a sala.

No primeiro intervalo entre aulas à tarde, o subtenente apareceu para conversar com o grupo.

- Bom, eu fiquei sabendo que vocês estão tendo problemas para decidir um nome para o pelotão. Eu dei uma olhada nas sugestões que vocês deram pela manhã, mas vim até aqui para trazer uma outra proposta. Por que não homenagear alguém que já passou por este lugar? Eu pensei em algumas possibilidades e um nome ficou na minha cabeça: o do sgt. Stéter. Vocês nem sequer o conheceram, mas posso garantir que além de ter sido um homem exemplar, o sgt. Stéter amava o seu trabalho e conseqüentemente este lugar. A paixão dele pela MOTOMEC era tão grande que ele escreveu uma canção para o CSM/MM. O refrão da música, sei de cor, e diz o seguinte:

“CSM/MM avante, sempre forte, sempre audaz,
Sempre alerta, operante,
Trabalhando pela paz.
CSM/MM avante, sempre forte, sempre audaz,
Sempre alerta, bandeirante,
A Polícia Militar”.

Pois bem, pelo que esse homem fez, eu acho justo homenageá-lo colocando seu nome no pelotão. Enfim, essa é minha sugestão, agora fica a critério de vocês optarem por ela ou não? E aí o que vocês acham?

Ninguém se atreveu a dizer ser contra a alternativa do subtenente, após a manifestação a favor da sugestão, fez-se a votação, resultante na escolha do nome sgt. Stéter, ficando o Canguru em segundo lugar. Mesmo derrotado, este seria o mais usado pelos alunos dos dois pelotões, sendo o nome oficial usado apenas em ocasiões formais, como na hora de gritar o nome do pelotão ao serem dispensados ao término de um dia de aula. Já a música passou a ser entoada todas após a canção da PM.

15. Forrest

Durante o período de curso não é permitido aos alunos faltarem, nem sequer um dia, pois isso gera desligamento automático do programa de voluntariado. Na segunda-feira, dia 14 de agosto, um aluno estava atrasado além da normalidade, afinal a segunda aula do dia já ocorria e Forrest continua ausente.

Garoto, branco, baixo, magro, sendo sua principal característica a habilidade em contar histórias, por isso, ganhou o apelido dado por Rebelde e adotado instantaneamente pelos outros alunos, em referência ao famoso filme “Forrest Gump – O contador de histórias”.

Diferente do personagem interpretado por Tom Hanks, o qual conta suas experiências, as histórias narradas pelo Forrest do MM são questionadas entre seus colegas de turma quanto a sua veracidade. Apesar das risadas e comentários, por vezes, irônicos dos colegas, Forrest não se sente coagido, nem envergonhado e continua narrando seus casos, sendo um de seus temas preferidos o sítio de seu pai, no qual ele diz ter um cavalo.

Outro fato repetido diversas vezes por ele é a existência de uma piscina em sua casa. Seja pela aparência, ou melhor, pelas histórias narradas, os outros alunos poderiam deduzir que Forrest era um jovem de classe média, mas essa percepção entrou em choque quando o jovem pediu para ser laranjeira. Embora ele diga não ter mais dinheiro para pagar a condução entre o curso e sua casa, os colegas de pelotão acreditam que ele deseja mesmo é aumentar suas experiências, e por consequência, suas histórias.

Naquela segunda-feira, Forrest não chegava, os demais alunos começaram a pensar na possibilidade de ele ter abandonado o curso, pois todos, inclusive ele, sabiam da impossibilidade de ter faltas ao longo do curso, ainda que elas fossem justificadas. As regras obedecidas pelos temporários são duras e em contrapartida não há privilégio além do salário, pois não há férias e nem tempo de contribuição pelo sistema previdenciário, já que o ingresso se baseia em um contrato, o qual a qualquer momento pode ser rompido. O tempo de serviço prestado nada, ou melhor, quase nada ajuda até mesmo os que desejam continuar na PM, pois para serem soldados, os temporários têm de prestar provas iguais as dos demais candidatos, sendo a única vantagem um mísero ponto ganho na nota final da prova escrita.

Após o término da segunda aula, finalmente chegou aos alunos a notícia do que ocorrera com o colega desaparecido.

- O aluno Forrest está atrasado porque sofreu um acidente de carro nesta madrugada. Ele e outros ocupantes do carro passam bem, ninguém se feriu. O aluno deve chegar daqui a pouco. – disse o sgt. Guedes, acabando com a curiosidade do pelotão.

Assim que souberam o que tinha acontecido, as especulações passaram a ser a respeito da história a ser narrada por Forrest assim que chegasse. Quase na hora do almoço, Forrest finalmente chegou e no momento da refeição foi logo disparando:

- Vocês não vão acreditar, fui viajar com uns amigos para o meu sítio no final de semana, aproveitamos para caramba, andamos de cavalo, fizemos um churrasco e tal... Aí decidimos sair de lá ontem quando era quase meia noite. Eu estava no banco da frente do lado do passageiro e meu amigo vinha dirigindo, atrás tinham mais três pessoas. De repente um caminhão brecou e meu amigo bateu nele. O caminhão estava cheio de ferros enormes e – apontando em direção a sua barriga – um deles voou e parou bem aqui, por pouco, pouco mesmo, a barra não me atingiu. Nossa foi impressionante, o carro ficou bem destruído, mas não aconteceu nada com ninguém, ainda bem...

Forrest continuou narrando seu acidente, mas depois desta parte ninguém mais lhe dava atenção, pois julgavam o episódio mais um de seus inventos. Se dessa vez pelo menos o que dizia respeito ao acidente era correto, os detalhes, como o da barra de ferro, certamente eram fruto de criatividade de Forrest, segundo seus companheiros.

16. Rivalidades

A rivalidade entre os pelotões não só é permitida, como incentivada por meio de comparações e provocações pelos militares. O segundo pelotão saiu na frente na competição quando escolheu Bravo, como nome de seu grupo logo nos primeiros dias, mas com a música do Canguru, o primeiro pelotão ainda sem nome, ganhou à dianteira. Para não ficar para trás, o Bravo foi orientado pelo sgt. João, responsável pela turma, a fazer uma canção também. A música até saiu e foi cantada pela primeira vez enquanto o pelotão Bravo marchava, em alto som a fim de que os alunos do primeiro pelotão, os quais estavam tendo aula em sala, pudessem ouvir, contudo a canção não agradou e nem mesmo, os integrantes do Bravo foram capazes de decorá-la.

Ainda assim, a rivalidade entre os pelotões foi aumentando, principalmente entre os homens. Quando o primeiro grupo passou a se chamar sgt. Stéter vieram às gozações e brincadeiras, sendo a mais utilizada pelos garotos do Bravo, a denominação de sgt. Bisteca. Com o clima tenso e nervos a flor da pele a três semanas do final do curso, assim que os rapazes do primeiro pelotão entraram no vestiário, ouviram sussurros, dizendo sgt. Bisteca, provenientes de diversas partes do vestiário, seguidos de risadinhas sarcásticas. Sem nem pensar, os jovens do sgt. Stéter foram em direção aos do Bravo, criando um tumulto com xingos e empurra-empurra de lado a lado. A confusão só não resultou em agressão física porque soldados do MM, presentes no vestiário, acalmaram os ânimos e separaram os rapazes.

No dia seguinte, o subtenente cobrou explicações de seu pelotão e após as reclamações quanto às brincadeiras feitas com o nome do grupo, ele prometeu falar com os integrantes do Bravo, e inclusive, contar a história do sgt. Stéter. Além disso, o subtenente ainda deixou o seguinte conselho para sua turma:

- Vocês têm que mostrar a eles que são melhores não pela força, mas sim, pela inteligência e capacidade de vocês.

Os alunos, ou melhor, um aluno em especial, parece ter entendido o recado, três dias depois Tubarão surgia com uma nova música.

“No meu quartel tinha um cachorrinho

Não era bravo, era mansinho.

Nele todo mundo passava a mão,

Não era bravo, era mansinho.

Eu fazia carinho e ele abanava o rabinho,

Não era bravo, era mansinho.”

Se a canção do Canguru foi um sucesso, a do Cachorrinho não só fez colocar o primeiro pelotão na frente, como grudou na cabeça de todos, sendo as frases entoadas com vozes grossas pelos rapazes, cabendo às meninas apenas o trecho “era mansinho” com a entonação mais fina possível.

Uma semana após, Tubarão compor sua nova música, o embate entre os pelotões ocorreu na forma mais militar possível, sob marchas e canções. O Bravo fazia aula de Educação Física na quadra com o sgt. João, enquanto o sgt. Stéter marchava sob o comando do sgt. Carvalho.

A princípio o sgt. Carvalho puxou o tradicional “1, 2, 3, 4”, “4, 3, 2, 1”, passando depois para a música do Canguru e chegando finalmente a do Cachorrinho, a qual não foi somente cantada pela primeira vez com o Bravo por perto, como ainda nos momentos em que o sgt. Stéter passa pela quadra, o sgt. Carvalho, dá o comando:

- Pelotão, olhar a direita – a ordem faz com que todos os integrantes do primeiro pelotão pudessem não só encher o peito e cantar em alta voz para provocar o outro grupo, como ainda lhes permite virar as cabeças e mirarem os olhos dos adversários, até que o sgt. determina – Olhar em frente. – e as cabeças voltam todas as suas posições normais.

O sgt. João não só percebeu a provocação, como resolveu reagir, colocando seus alunos em ordem, enfileirados, e os mandou entoarem a música do pelotão. Assim, da próxima vez que o sgt. Stéter chegou à quadra, os integrantes do Bravo não só esperavam por um duelo de vozes, como estavam todos virados de frente para a rua, esperando a virada de cabeças do primeiro pelotão.

O duelo agradou ambos os lados e não gerou consequências secundárias. Os desentendimentos e preferências se restringiram apenas durante as aulas de Educação Física e Ordem Unida.

17. Nanci

Se a preferência por pelotão era algo natural, devido ao fato do grupo ter sido estabelecido no primeiro dia na hora da divisão das salas, o mesmo não se pode dizer dos paqueras.

Nicole é uma garota de dezenove anos, alta, branca e robusta. Cursa biologia, sendo uma dos primeiros ingressantes ao ensino superior por meio do programa do governo federal PROUNI. Sempre de bom humor e alegre, Nanci logo fez amizade com Rebelde, Tubarão, Forrest, Marta, Jova e os T's, mas quem lhe chamou a atenção foi mesmo o Singular.

Ela rapidamente se aproximou do Singular a fim de estreitar a amizade e quem sabe dar um passo além. O problema é que o rapaz tinha um xará no pelotão, o qual por ser gordo ganhou o apelido de Plural, e não desgrudava nenhum momento do colega.

Dessa maneira, quando Nanci combinou com Singular de ir ao shopping tomar um sorvete após as aulas, o Plural veio de brinde e não só os acompanhou até o shopping, como também não desgrudou dos dois até a hora em que ambos foram embora, cada um para o seu lado.

Numa segunda tentativa, Nanci teve a precaução de avisar o Singular quando o Plural não estava por perto. No caminho em direção a saída do MM, Nanci achou que finalmente teria um tempo a sós com Singular, quando, de repente, percebeu alguém se aproximar, correndo e gritando:

- Ei, esperem por mim que eu vou com vocês.

A raiva de Nanci foi tão grande que ela não apenas desistiu de sair aquele dia, como também resolveu abandonar o Singular, e por consequência, o Plural, partindo para outra, ou melhor, para outro.

18. O rádio e a homenagem ao sub.

A última semana do curso se inicia com uma aula prática, os alunos são divididos em grupos de cinco pessoas e cada grupo recebe um rádio HT. O desafio lançado pelo tenente Roger é semelhante a um caça-tesouro. Cada equipe deve se posicionar em uma parte diferente do MM, sendo que ao chegar ao local, um membro do grupo deve entrar em contato pelo radiotransmissor com o tenente, o qual passa a simular uma situação da rotina policial e os envia para outro lugar.

Todos os alunos são obrigados a falar com o tenente via radiotransmissor, embora não haja competição entre as equipes, pois a atividade serve apenas para treinamento e simulação do dia a dia de um policial militar.

Os grupos são formados, cada um pega seu rádio e sai para o ponto indicado. Alguns minutos são perdidos, devido ao medo e a vergonha dos alunos em iniciarem a atividade, a qual entre outras coisas testa o conhecimento do código Q, não decorado pela maioria.

Surgem os primeiros corajosos e o exercício enfim começa, os alunos trocam a timidez pela participação. Quando mais da metade de cada equipe já havia se comunicado com o tenente, o grupo Delta, cada equipe recebeu o nome de uma letra do alfabeto alfanumérico, volta à sala de aula, pois ainda não tinham realizado nenhum contato. Após uma repreensão, o tenente constata que a bateria do aparelho havia acabado. Com carga nova, os integrantes do Delta são enviados a campo e finalmente iniciam a atividade.

Cerca de trinta minutos depois, o exercício se encerra e os alunos voltam à sala onde animados contam suas experiências e impressões com o rádio.

Após a aula terminar, Aline vai até a frente e propõe:

- Então, galera, nós estamos aí na última semana de aula e algumas pessoas propuseram que nós fizéssemos um vídeo do pelotão para entregar ao subtenente, afinal ele está para se aposentar e durante todo o curso, ele esteve à frente do pelotão, inclusive, nos defendendo. O que vocês acham da ideia?

- Pode contar comigo – diz Tubarão que foi seguido por um coro de aprovação. Após alguns instantes, Aline questionou:

- Então, todos concordam? – houve um sim geral, não tendo ninguém se manifestado contra, ainda assim, Rebelde permanecia calada e Aline continuou – Bom, alguém tem alguma sugestão de como pode ser o vídeo?

- Eu acho que duas pessoas poderiam fazer a narração. A gente também pode gravar cenas do pelotão cantando a canção do MM que ele tanto gosta e quem quiser pode falar alguma coisa, tipo um depoimento mesmo. – sugere Leilane.

- Eu, particularmente, adorei a ideia da Leilane e acho que os apresentadores deveriam ser o Tubarão e a Rebelde que são os alunos preferidos do subtenente. – acrescentou Aline, os demais alunos conversavam entre si a respeito das sugestões, quando Rebelde resolveu se pronunciar:

- Olha, eu não sou contra a homenagem, se vocês quiserem fazê-la por mim tudo bem, mas não me incluam nessa. Eu não quero sequer participar, quem dirá apresentar alguma coisa.

A recusa não só causou o espanto de todos, como a revolta, os alunos não entendiam o porquê da negação. Diversos argumentos surgiram, mas Rebelde continuava firme em sua posição. Tubarão, grande amigo dela, até insistiu:

- Vamos, se é por vergonha não precisa se preocupar, eu vou estar junto com você. Até porque você não pode ficar de fora, pois é a pessoa que o subtenente mais adora no pelotão, sempre está te chamando, te provocando, enfim te destacando dos demais.

- Não adianta, eu não quero e não vou fazer isso. Vocês podem pensar o que quiserem de mim, mas é não e ponto. – Rebelde, então, saiu da sala sob o olhar de reprovação dos demais alunos da turma, os quais continuaram reunidos para resolverem como seria o vídeo.

Os amigos de Rebelde ainda tentaram convencê-la de participar da homenagem, mas ela não cedeu e revelou apenas para Jova, Nanci e Marta, no vestiário, que assim como todos do pelotão, sabia ser a preferida do subtenente, mas não entendia o porquê de ter sido escolhida já que nada fizera com essa intenção, pelo contrário, estava sempre na contramão das ordens e orientação, por isso ela não se sentia a vontade para aparecer no vídeo, além do mais, ela achava aquilo um mico e puro puxa-saquismo, atitudes as quais lhe irritavam profundamente.

Na quarta-feira, os alunos fizeram o vídeo entre as aulas. Rebelde se manteve distante, não se aproximando das gravações. Contudo, teve um momento que ela não pode escapar: a filmagem dos dois pelotões cantando a música do MM. Em meio à pressão e para não criar confusão, ela resolveu ficar e os alunos aproveitaram para focalizá-la por um bom tempo.

No último dia, os alunos ainda insistiram para Rebelde ao menos entregar o vídeo e um porta-retratos com a foto do pelotão ao subtenente. Embora não muito disposta, ela não recusou o pedido e assim que o subtenente chegou, ela foi lhe entregou os presentes e rapidamente voltou a se sentar em seu lugar. O subtenente ficou radiante e emocionado, agradeceu a todos, inclusive Rebelde, e prometeu guardar as lembranças com carinho.

19. Greg

Após as aulas do último dia, os alunos dos dois pelotões participam de um churrasco no próprio MM em comemoração ao término do curso. A festa proporciona não só momentos de interação entre os grupos, como também reserva uma novidade: o Greg.

Jovem branco, de olhos verdes, estatura média, magro, com vinte e três anos de idade, é extremamente tímido. Senta-se sempre na terceira carteira do lado esquerdo, próximo à porta, mesmo com a mudança de salas, ele continua na mesma posição.

Se não fosse pelo último dia, muitos de seus companheiros de sala sequer lembrariam dele, até porque a grande maioria deles nunca ouviu sua voz durante os dois meses que estão juntos. Uma das poucas pessoas com quem Greg troca algumas frases é Tubarão, o qual garante aos demais que Greg sabe sim falar e diz que ele é gente boa.

No churrasco, após comer e beber algumas cervejas, Greg desata a falar e falar, sem parar. O garoto calado dá lugar a um jovem cheio de vida e experiências, ninguém mais o parece amedrontar, de maneira que onde ele encosta, logo, se relaciona com as pessoas a sua volta.

Todos ficam surpresos e no início estimulam Greg a se comunicar. Depois de meia hora sem ele dar uma trégua, Nanci, não aguenta, e dispara:

- Cala boca, Greg, Você parece uma matraca, não dá um tempo, fica só falando, falando, falando...

O garoto fica vermelho de vergonha, os olhos dele se arregalam e a voz some instantaneamente. O velho Greg estava de volta, os momentos de descontração pareciam não ter existido. Nanci percebe a reação dele, mas não se sente culpada, pois para ela, tudo não passara de uma brincadeira.

20. Formatura

Cerca de um mês após o término do curso, os alunos recebem nas diferentes unidades em que estão trabalhando, a notícia de que no dia seguinte deveriam comparecer ao MM para participarem de sua formatura.

O anúncio de última hora não chegou a alguns lugares e os dois pelotões do MM ficam desfalcados. Ao contrário destes, os três pelotões compostos por alunos que fizeram o curso na Seção de Apoio de Transporte (SAT) estão completos e também participam da formatura.

Enquanto os alunos do MM se trocam nos vestiários para a cerimônia, os alunos do SAT já marchavam e cantavam em alta voz. Estes haviam treinado diversas vezes para o momento solene decorando inclusive o juramento a ser pronunciado, enquanto que aqueles nem sequer ouviram o juramento anteriormente.

A ordem e a disciplina dos alunos do SAT não só causou espanto nos do MM, como os fez se sentirem aliviados e agradecidos pelo local onde realizaram o curso, devido a calma e poucas exigências enfrentadas.

A cerimônia começa, e é assistida por pouquíssimas pessoas, pois os alunos não foram avisados da possibilidade de levar parentes e amigos e por se tratar de um dia de semana. Após a execução do hino nacional e do da PM, o comandante do MM discursa. Ao término da oratória, os alunos fazem o juramento, e em pouco mais de meia hora, a formatura se encerra. Os alunos, enfim, tiram fotos por todo o MM e o que fora até ali uma realidade, passa a ser a partir de agora, uma lembrança em um porta-retratos.